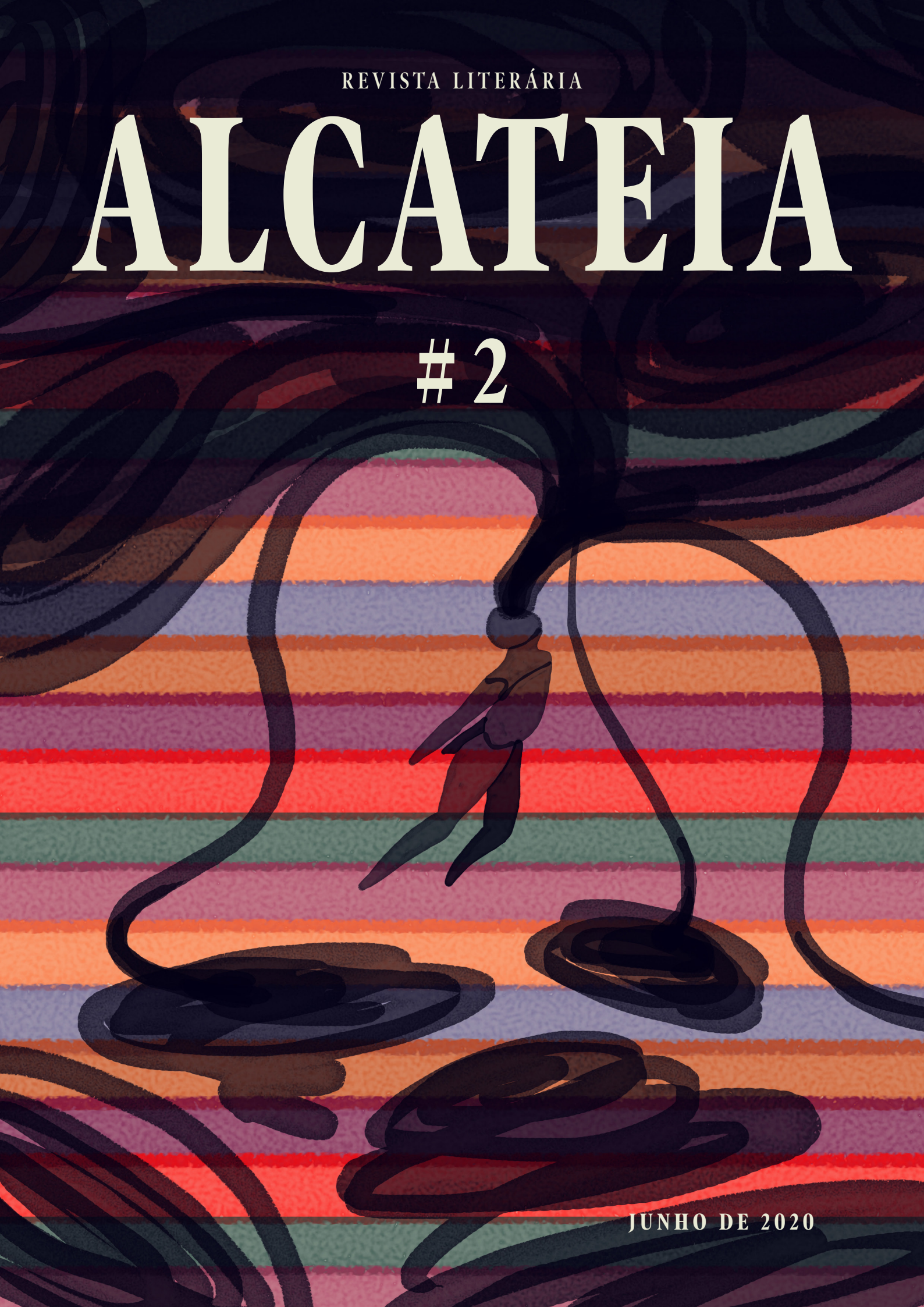
REVISTA LITERÁRIA

ALCATEIA

#2



JUNHO DE 2020

Revista literária Alcateia
https://revistaalcateia.com.br

edição #2 • Identidade
100 páginas • Junho de 2020

Organização e edição
Claus Corbett
Paula Cruciol

Projeto gráfico
Paula Cruciol

Revisão
Claus A. Corbett

Capa e ilustrações
Mariana Lio

Contato
https://revistaalcateia.com.br
https://instagram.com/revistaalcateia
https://twitter.com/revistaalcateia
https://facebook.com/revistaalcateia
| alcateiarevista@gmail.com |

Licença de publicação
Licença Pública Creative Commons Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional
Mais informações no final da revista

A Alcateia

é uma iniciativa de artistas cujo objetivo consiste em proporcionar aprendizado coletivo, troca de informações, opiniões, compartilhamento de experiências e diálogo entre produtores de texto. Para nós, o texto pode ser constituído tanto de palavras quanto de imagens, sendo ferramenta poderosa de expressão, e a interpretação de textos e a leitura vão além de reconhecimento e decodificação.

Por meio dos nossos artigos, publicados a cada 2 meses na revista, abordamos assuntos relacionados a criatividade, originalidade, estratégias narrativas, construção textual e diversas outras reflexões sobre a produção artística, incentivando leitores, escritores e ilustradores a desenvolverem as próprias habilidades textuais. Dessa maneira, a produtividade artística e a leitura se tornam práticas mais coletivas e colaborativas, fazendo escritores e artistas (lobos solitários) encontrarem um grupo de suporte e incentivo (alcateia).

A Alcateia também publica originais submetidos por e-mail em suas edições, encorajando o compartilhamento de produções autênticas e construindo um espaço de feedback e crescimento individual, sendo não só revista como também coletivo. Acreditamos que dar e receber opiniões sobre nossos textos é o que nos faz desenvolvermos nossa produção e nos tornarmos artistas ainda melhores . Os originais são tanto palavras quanto imagens, poemas, prosas e ilustrações – textos – que se encaixam nos temas de cada edição.

Esta edição é sobre identidade em todas as suas formas e possibilidades.

ALCATEIA

Sumário

Artigos

O poder da imperfeição •10
O canibal cultural •14
Representatividade pra que(m)? •17
Sobre a importância social dos filmes de horror •22
Quem contesta o inquestionável? •25
Representatividade explanatória •29

Originais

Nossa mesa •35
Sala de troféus •38
O Psicopolimata •40
Mui narcisos •42
Identidade •44
O menino que fazia carrinhos de madeira •46
Quando me reconheci pela última vez? •50
Querem me apagar... de novo •52
A chuva •54
Uma pessoa •57
Sapato de cristal •61
Você não sabe amar •64
22 de setembro de 2019 •68
Metamorfose matinal •74
Face a face •82
Dispa-se ao espelho de Guimarãoes •88

Textando

Autobiograficção •92

Sou apenas aquele que ninguém mais é. Parece uma frase de impacto, mas é apenas a expressão máxima de nossa forma de diferenciar os elementos do mundo e da realidade. Já diria Saussure que definimos algo não por suas características, mas pelas diferenças que apresenta em relação a outra coisa.

Quando tentamos nos definir, usualmente o primeiro passo é olhar para as semelhanças que temos com as pessoas com quem convivemos. A partir daí, temos nossas tribos, nossos grupos, nossas famílias. Mas, dentro dessas famílias, quem somos? Aqueles que os outros não são. São as diferenças que nos tornam "**mais nós**". Trazemos tanta bagagem e tantos pré-textos em nossa leitura da vida que seria impossível, realmente, duas pessoas serem a mesma.

Por isso, em tudo que criamos há uma pequena assinatura, um traço ou sentimento que mostra parte do ser complexo que somos. Uma evidência, uma manifestação. Cada uma de nossas obras é, também, um fenômeno que desnuda nossa essência.

Também se reflete na forma como consumimos a arte em suas mais diversa formas, em como a interpretamos e como a julgamos. Nossa identidade está também naquilo que esperamos e aplaudimos das obras que buscamos. Naquilo com que nos identificamos.

E nada é mais prazeroso do que nos sentirmos representades nas obras que consumimos. Nada mais catártico e acolhedor. Ter nossa

identidade respeitada e exposta para podermos sentir que podemos ser respeitades e nos expormos. Mas não é só isso. Nada é mais engrandecedor do que nos permitirmos a prática da alteridade e da empatia, vendo naquilo com que não nos identificamos diretamente a oportunidade de crescimento pessoal.

Nesta edição, tentamos trazer um pouco dessa ideias para o papel e abrir espaço para que outros escritores mostrassem quem são, para que outros leitores se vissem nesses textos e imagens. Para que alguns poucos fenômenos nos permitissem um vislumbre de nossa etérica essência. Deixamos também um convite para que esse movimento não pare aqui. Sigam criando, sigam absorvendo, sigam sendo. E sejam bem-vindes à nossa Alcateia.

Claus Corbett, Julia Helena de Oliveira, Mariana Lio, Paula Cruciol

Nós do coletivo Alcateia gostaríamos de agradecer a todos que contribuíram para que nossa segunda edição pudesse ser publicada! Esta edição é dedicada a todos vocês que, ao seu jeito, nos ajudaram a divulgar, idealizar e preencher nossas páginas com arte, criatividade e a mais pura verdade dentro da fantasia. Dedicamos este número em especial aos lobos que se uniram ao nosso coro de uivos:

Gabriel Affonso

Felipe Cavalcante

Jonathan Fenile

Lúcia Teresa da Rosa

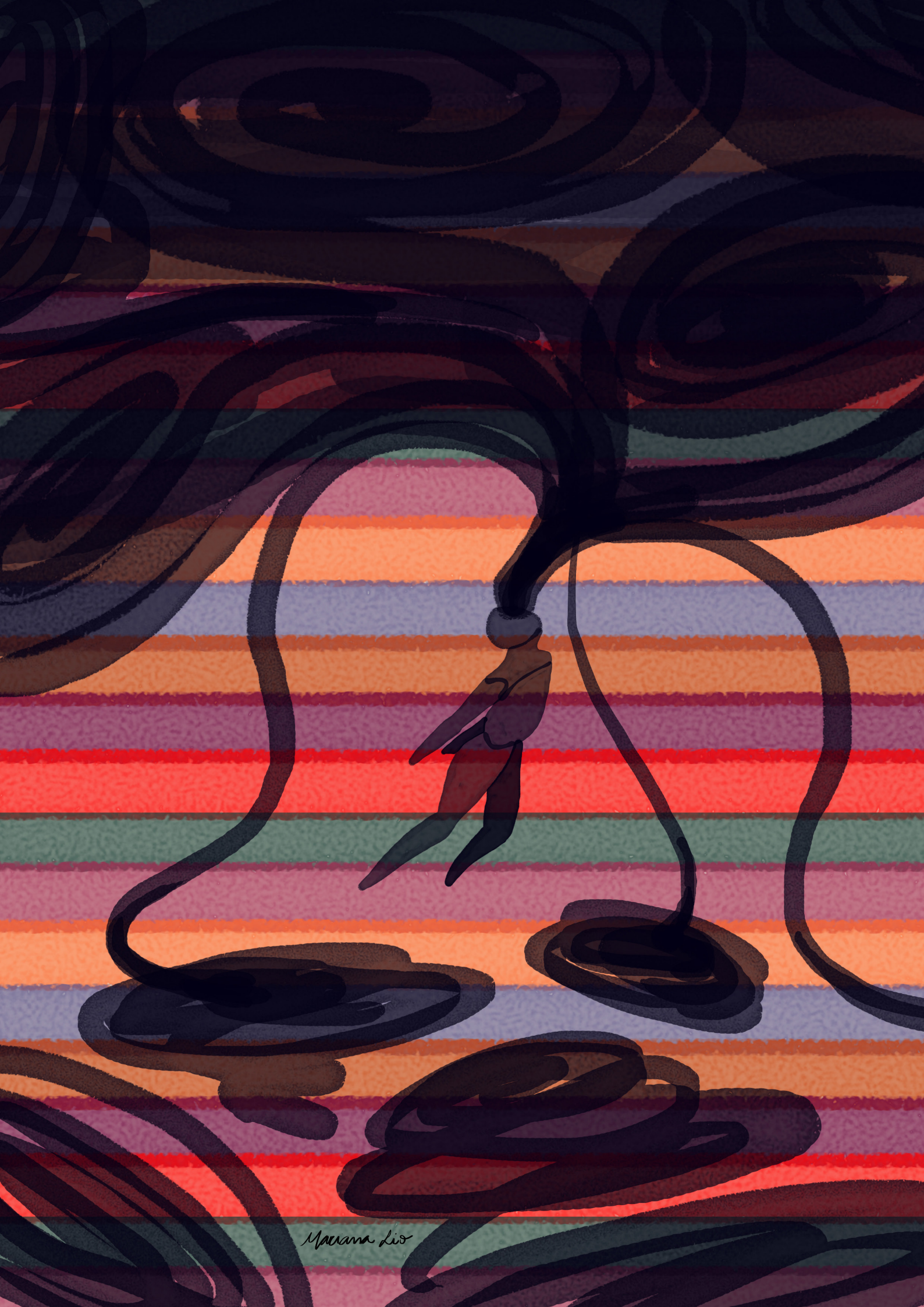
Pamella Opsfelder de Almeida

Rodrigo Giovanini

Tadeu Yamamoto

Muito obrigado!

Coletivo Alcateia


Mariana Lio

O poder da imperfeição

•

Nenhum texto foi ou será terminado. Enquanto ainda trabalharmos nele, um texto sempre pedirá alterações complementações. O entregaremos finalmente aos seus leitores quando acharmos que está bom o suficiente, mas ele seguirá incompleto.

Todo texto é um trabalho sem fim, toda obra carrega em si a possibilidade do infinito. Mesmo que toda a história seja contada, ainda há mais o que contar, mais detalhes, mais curiosidades, mais sutilezas. Mesmo que toda tese seja explorada e defendida, ainda há outras ideias com as quais seria possível explorá-la.

Qualquer texto, ao ser lido, é complementado por seu leitor, comparado e misturado com outros textos, com outras ideias e com outras possibilidades em uma tentativa de interpretação que pode levar a resultados completamente inesperados, independente de todo esforço do autor em torná-lo coeso e coerente e de todo o desejo do autor em expressar ali a sua verdade.

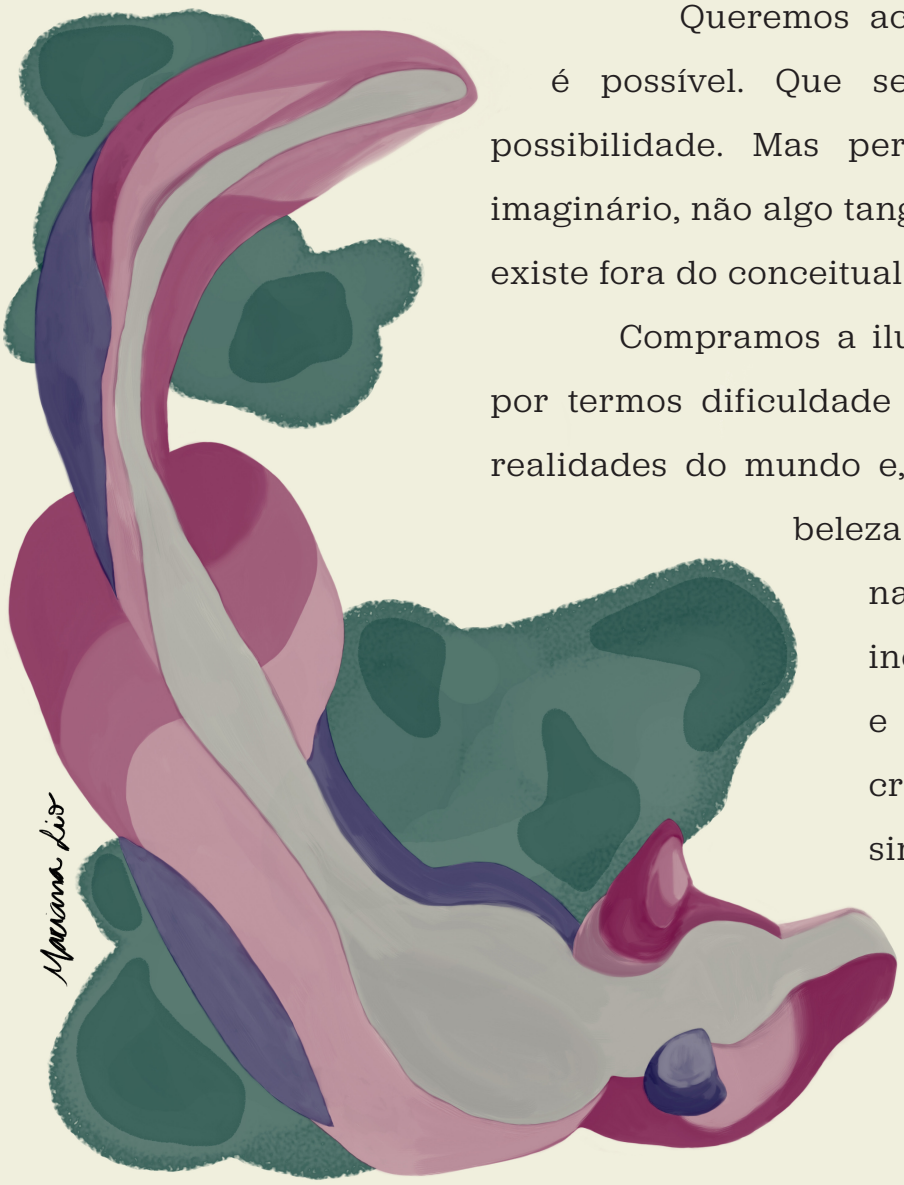
Somos seres incompletos, imperfeitos e impermanentes e assim serão também nossos textos.

Em nossa sociedade ocidental, essas características são vistas como algo a se evitar, como um problema. No entanto, dentro da visão do zen-budismo, são apenas realidades que precisamos aceitar. Em verdade,

elas inspiram a estética conhecida como wabi sabi, que se reflete em diversas manifestações artístico-filosóficas japonesas, dos arranjos florais da ikebana à cerimônia do chá.

Aceitar essas simples verdades torna todo o processo de escrita - o processo de criação artística em geral, aliás - mais simples, mais honesto, mais fluido. A imperfeição tem o poder de nos permitir mostrarmos mais da nossa verdade em nossos trabalhos. Afinal, somos imperfeitos por natureza.

A ideia de perfeição é a ausência de erros, de falhas, de problemas. É a ideia de que se formos bons autores, se nos dedicarmos, se pensarmos em tudo, pela eternidade nossas obras se manterão exemplos do mais alto padrão de excelência. Se tornarão um legado que provará a validade de nossa existência. Representarão tudo e serão interessantes para todos.



Queremos acreditar que a perfeição é possível. Que sermos perfeitos é uma possibilidade. Mas perfeição é um construto imaginário, não algo tangível ou atingível. Ela não existe fora do conceitual.

Compramos a ilusão dessa possibilidade por termos dificuldade em lidarmos com essas realidades do mundo e, com isso, não vemos a beleza que há na imperfeição, na temporalidade, na incompletude. Nada é tudo e isso é belo. Queremos criar algo "**redondinho**", simétrico, de uma perfeição irreal. No wabi sabi, no entanto, a direção

é prezar pela assimetria, pela simplicidade, pela modéstia e pela intimidade.

É preciso encarar o trabalho artístico, seja ele na forma de escritos, de imagens, de sons ou de movimento, como uma bela representação do imperfeito. A honestidade com a qual abraçamos a imperfeição em nós mesmos e em nossas obras permite uma profundidade maior e possibilidades infinitas.

Assim, nossa obra não representará um simulacro da beleza que imaginamos que o outro quer ver, mas sim a beleza que éramos quando a escrevemos, em toda a nossa imperfeição.

Posso escrever um texto que considero excelente em um dia e, ao relê-lo uma semana depois, sentir vergonha do que coloquei no papel - ou posso entender que ele é uma representação honesta do que eu tinha para dizer naquele dia. Quanto mais tentamos atingir a perfeição, mais nos afastamos dessa honestidade, mais bloqueamos o que temos para dizer em nossas obras.

Nada dura para sempre e algo que era "**perfeito**" para nós em determinado momento pode parecer errado no momento seguinte. O que eu disse ontem não precisa ser o que eu digo hoje. Eu posso alterar esse texto, "**melhorá-lo**", abrir mão de coisas e colocar outras.

Posso jogar meu texto contra uma parede, deixar que se estilhace, juntar os cacos e criar algo novo e belo, como na prática japonesa kintsugi, a arte de preencher os espaços criados por esse estilhaçar com ouro, dando valor e honrando nossas imperfeições e o caminho que trilhamos até aqui.

Como somos seres com história, é seguro dizer que nada do que criamos hoje vem sem rachaduras. Já criamos obras estilhaçadas por nossas histórias, por nossas influências, por nossos passados. Somos

seres estilhaçados por natureza, então não criaremos nada contínuo e perfeito ao sermos honestos em nossa arte.

E isso é lindo.

O convite que essas ideias nos trazem é simples: abrace sua imperfeição, preencha suas rachaduras com ouro e honre o que você carrega dentro de si; veja a beleza da assimetria de suas experiências e dizeres, pois não é só no ideal que o belo reside; crie algo simples, independente de sua magnitude, pois você nunca representará tudo que há para se representar em uma única obra; seja modesto e entenda seus limites, pois assim poderá honrar o que cria; e, finalmente, não tenha medo de expor seu íntimo em sua obra, pois o que há de mais belo na arte é justamente a possibilidade de desnudar a alma sem medo de verem suas falhas.

Claus Corbett

O canibal cultural

Ouvimos (com todo aquele distanciamento de quem aprende uma nova matéria no colégio) como a semana de arte moderna revolucionou e chocou a arte brasileira, abalando a hegemonia das vanguardas, principalmente a paulista.

O manifesto antropófago, escrito bem depois da semana de 22, procurava por uma releitura da história do Brasil, além de contrariar e expurgar a "**realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama**".[1] Para tanto, era necessário realizar uma absorção e renovação do artista a partir da assimilação crítica de ideias e modelos estrangeiros. Simplificando uma teoria muito complexa e passível de múltiplas interpretações, o produto final da antropofagia é criar algo novo, contendo a marca da singularidade de sua cultura. Ao mesmo tempo que rejeita imitações, também rejeita a xenofobia.

Mas, afinal, de onde Oswald Andrade tirou essa teoria?

A antropofagia é o ritual indígena em que um indivíduo incorpora todos os bons atributos de seu inimigo, seja a força, a inteligência ou a esperteza, eliminando as diferenças entre eles. Andrade vê a antropofagia como uma resposta à colonização europeia, pois essa instaurava uma violenta prática de etnocídio, apagando culturas indígenas. A antropofagia seria uma forma de sobrevivência, de perpetuar suas culturas.

Hoje, compreendemos um pouco melhor as diversas práticas e formas de absorção de novas culturas em nossa própria, tendo em mente que nem tudo são flores e que nem todas são aceitas com a mesma desenvoltura que outras. O debate é longo, complicado e, claro, muito necessário. Porém, vamos nos concentrar no que Oswald Andrade chamou de movimento antropófago.

No próprio movimento, há quem enxergue que o essencial é negar a cultura imperialista, enquanto outros defendem que o cerne é absorvê-la. Sem se aprofundar em uma noção do que é certo e o que é errado, propomos uma leitura contemporânea do que seria essa antropofagia para os jovens artistas de hoje, pois teorias e manifestos literários, ainda que feitos por – e para – uma outra geração, podem ser **"traduzidos"** ao nosso cotidiano e ser amplamente utilizados como auxílio para escrita.

> "Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago."[2]

Em um ângulo, alertando ser simplório, que apenas arranha a superfície do que propõe Oswald, convidamos a pensar sobre suas próprias obras, seja você músico, pintor ou escritor. Atualmente, é impossível fugir de influências externas; nós consumimos mais informações e representações artísticas do que os modernistas poderiam.

Já absorvemos, mesmo sem perceber, influências, padrões e moldes de outros, seja de um artista internacional ou nacional. Já nascemos uma geração de canibais culturais, nos alimentamos do que vemos e assistimos, criando ligações afetuosas e de admiração. A cada novo livro e a cada novo filme, ingerimos algo que nos torna mais experientes. Somos feitos do que nos alimentamos.

Há muita coisa para se considerar, pois nossa geração é especialista em aglutinar sem racionalizar, sendo que uma das principais características do devorador de Oswald Andrade é a análise, absorver criticamente o

que te formará como artista. Consumimos o que é produzido por culturas de massa muitas vezes sem nenhuma forma de avaliação, esquecendo de engolir apenas o que te faria bem, o que te tornará um ser individual. No caso literário, isso influencia diretamente nossa escrita.

Cheios de informações, fica difícil encontrar o que é realmente próprio de sua escrita, nosso estilo se perde em mímesis inconscientes de outros autores. Pela antropofagia, um autor deve possuir um senso crítico maior que a fome.

Piadas à parte, não tente engolir mais do que sua boca pode aguentar.

Enfim, a ideia de escrever afastado de influências é inconcebível. O canibalismo já é irreversível, somos consumidores vorazes, definimos nossas discussões e confrontos a partir do que queremos engolir e repudiamos o que fica preso na garganta. Ainda jovens, temos a impressão de ter nossas crenças e estilos definidos já muito cedo, desconsiderando o que é um processo que jamais termina de fato, sempre sentiremos fome.

Na mais imediata e simples interpretação do manifesto antropófago, é necessário possuir um parecer crítico. Aos que escrevem, pintam e compõem, estejam abertos para experimentar novas tendências, absorver conceitos que antes te pareciam tão difíceis, talvez muito acadêmicos ou complexos, muito lentos para quem consome tão rápido. Experimente os estilos de quem admira, forme-se artista com a consciência de que outros te formaram.

Julia Helena de Oliveira

[1] ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. São Paulo: Revista de Antropofagia, 1928. p. 7.

[2] Ibidem, p. 3.

Representatividade pra que(m)?

•

Histórias precisam ser diversas. Em gênero, em cenários e em personagens. Uma história em que todos os personagens são iguais ou agem da mesma forma acaba se tornando repetitiva, desengonçada, previsível. Da diversidade surgem novas ideias, novos comportamentos, novas possibilidades de mudança - e, com isso, um texto mais interessante e que desperta mais intensamente a curiosidade do leitor.

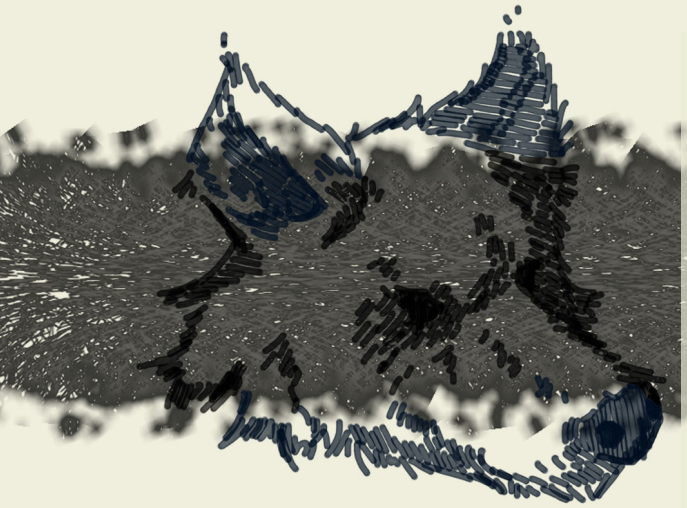
E para pessoas que, como nós, fazem parte de minorias políticas, essas histórias se tornam muitas vezes frustrantes, já que raramente nos identificamos com os personagens em um nível mais profundo.

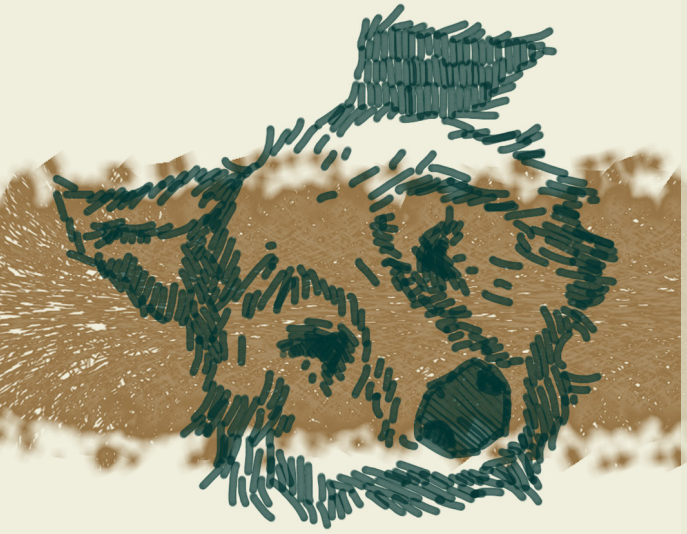
Precisamos poder nos ver também nas histórias que consumimos, mas parece que, quando nos colocam em algum papel dentro das narrativas, a maioria dos autores acha que é necessário nos reduzir ao que nos torna minorias: à violência que sofremos, aos estereótipos que o autor acha mais comuns entre pessoas como nós.

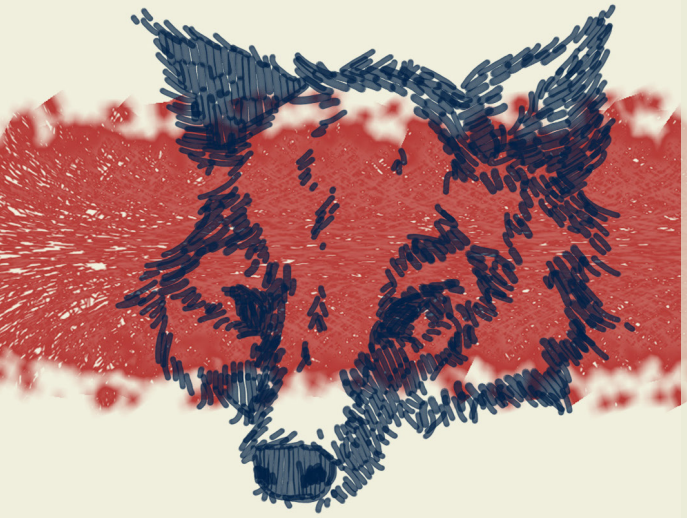
Personagens LGBTQ+ costumam ser representades em relação ao preconceito que sofrem e por muitos anos só existiam para contar histórias de sofrimento e busca por aceitação. Personagens negros são mais comumente representados enfrentando situações de racismo e diversas vezes em situação de pobreza.

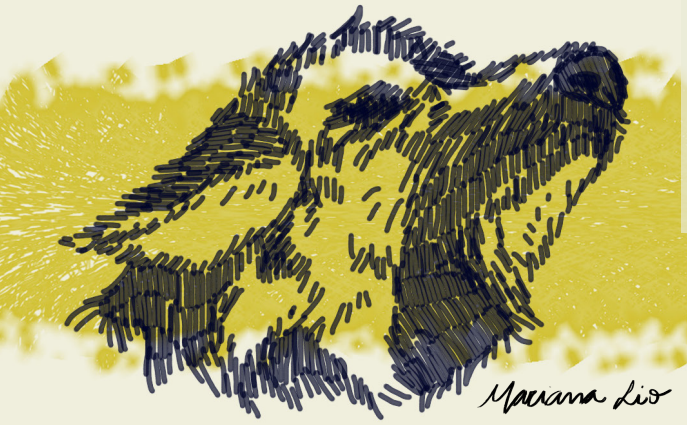
A questão é:

uma identidade minoritária passa por questões difíceis que a maior parte da sociedade não passa









— por isso é chamada de "minoria" —, mas esses problemas não são o que definem essas identidades. Então por que limitar a caracterização e a jornada dos personagens apenas a esses aspectos?

Se pensamos em cada uma delas como indivíduos, como personagens, elas sempre terão muito mais a oferecer, muito mais histórias a contar. Por outro lado, podemos considerar que um texto que traz personagens diversos e não trata de questões sociais problemáticas é um texto que trata de representatividade de maneira verdadeira?

A construção de personagens – quaisquer personagens – é uma tarefa difícil porque personagens bem elaborados são únicos, têm vidas completas e existências complexas e são moldados por diversas forças sociais, psicológicas, espirituais....

Mas as relações hierárquicas e o organograma sociopolítico existem e afetam – até mesmo fundam – as identidades e as relações sociais. No entanto, nenhum de nós traz consigo apenas uma identidade.

Quantas vezes você não se deparou com um personagem raso, cuja única função era "**cumprir cota**" em uma história?

Temos exemplos positivos também de personagens bem construídos, complexos e que ainda assim eventualmente enfrentam situações de preconceito ou violência. Um ótimo exemplo disso é o seriado *Brooklyn 99* (*Lei e Desordem*, no Brasil). Desde o primeiro episódio, o rol de personagens é diverso e, apesar de haver mais de um personagem negro ou latino, eles são bem diferentes entre si.

Rosa Diaz e Amy Santiago são ambas latinas, mas as duas não podiam ser mais diferentes. A primeira é representada como uma mulher de ação, agressiva, forte; a segunda, como uma mulher extremamente racional, perfeccionista e com um traço de TOC. Terry Jeffords (sargento e posteriormente tenente da delegacia) e Ray Holt (capitão da delegacia) são dois homens negros, mas com personalidades, sexualidades e aparências diferentes - e nenhum dos dois é representado como um homem agressivo ou hipersexualizado, mais um ponto positivo.

Há também uma reviravolta cômica no final do primeiro episódio em relação às expectativas que temos de comportamento de homens gays e um episódio extremamente emocionante em que o seriado encara o desafio de falar sobre o racismo e o sentimento de impotência que ele pode causar.

Se pensarmos que queremos ser representades em histórias que consumimos para podermos nos identificar com os heróis, com a ação e com a aventura e para passarmos pela catarse de ver uma história semelhante à nossa tendo uma resolução positiva, de que adianta um personagem com uma característica descrita de forma rasa ou ainda que só reforça um discurso de punição por nossa diferença?

Produzir uma história com representatividade é um exercício complexo e requer atenção, cuidado e respeito. É preciso pensar em como colocar personagens diversos e respeitar o aspecto social mais amplo da

minoria que eles representam sem os reduzir a apenas essas questões, como se não tivessem nada único em si mesmos. Também é preciso dar profundidade ao personagem sem fugir da realidade daqueles que irão se identificar com ele para não criar uma história alienada, fora da realidade social, pouco verossimilhante, ingênua.

Judith Butler fala de recorte e colagem na construção textual, que seria recortar um personagem ou uma característica e colá-la no seu texto, resultando em enredos mal construídos e personagens deslocados, inseridos no texto sem qualquer contexto ou justificativa. Isso nada mais é do que a falta de cuidado e respeito com o personagem e com sua complexidade.

No fundo, isso é mais uma escolha que fazemos. Criar histórias é fazer escolhas, é decidir cada aspecto que será trazido para a narrativa. O primeiro passo, então, é olhar no espelho. Seja honesto: por que você quer trazer essa representação? É para se ver também nas histórias? É por uma questão mercadológica? Ou isso faz parte de sua trajetória como contador de histórias? Qual o seu objetivo ao escolher uma característica, um cenário, um personagem e uma história para contar a partir dessas escolhas?

Não há respostas erradas aqui, desde que sejam honestas, porque a partir dessas respostas você pode se trabalhar e melhorar sua capacidade de contar histórias diversas. E o primeiro passo para isso é justamente ouvir pessoas diferentes de você, pessoas parecidas com aquelas que você quer representar.

Esqueça um pouco as representações da grande mídia, pois elas usualmente já vêm de certa forma contaminadas por pontos de vista da maioria política. Há exceções, é claro, em especial quando quem está contando a história que você consome escreve personagens que representam ela ou outras pessoas reais da vida dela. Mas há muito mais

o alinhamento com discursos rasos sobre as minorias do que histórias respeitosas.

É muito simples: não se pinta uma árvore sem olhar para uma. Então por que se escreveria um personagem diverso sem olhar para pessoas diversas? Muitos já usam as mídias sociais para falar de sua realidade, de sua diversidade. Ouça-as. Investigue. Aprenda com essas pessoas.

Até mesmo se você for escrever sobre uma minoria à qual você pertence, ouça outras pessoas. Afinal, há toda uma interseção de identidades em quem você é.

Mais do que uma questão de capacidade narrativa ou mercadológica, trabalhar a representatividade é um exercício de crescimento pessoal. Portanto, antes de começar a escrever um personagem diverso, pergunte-se: você está preparado para trabalhar em si mesmo também?

Claus Corbett, Paula Cruciol

Sobre a importância social dos filmes de horror

Monstros, fantasmas, doppelgängers...[1] entidades assustadoras que assombram heroínas, assustam aventureiros desavisados e dão shows com episódios de possessão desde que nos conhecemos por gente. As histórias de horror são as que, pessoalmente, mais gosto de ler e carregam um valor e uma possibilidade de discussão muito ricos.

Revitalizadas pela literatura gótica inglesa no século XVIII, as histórias assustadoras mantinham a força supersticiosa do ser humano em pleno iluminismo, época do pensamento racional, voltado para a observação da natureza. *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, é considerado o marco do começo da literatura gótica e a obra que fixou a gramática gótica nas histórias.

Essa gramática é a ocorrência de eventos sobrenaturais e misteriosos; a ambientação escura, fora dos centros urbanos movimentados; os castelos escuros, mofados e antigos. Porém, o horror deu uma boa diversificada na sua aparência, entrando nos centros urbanos e na tecnologia (*O Chamado*), ganhou formas mais elaboradas, com personagens complexos (Pennywise) e críticas sociais (*O exorcista* e os questionamentos sobre os dogmas da Igreja). Esses enredos e críticas

são permitidos muitas vezes por conta das entidades que comentei no início do texto.

> Diferenciadas entre si por conta de características mais específicas de sua estrutura, essas entidades sempre mantém a mesma característica essencial: sua sobrenaturalidade. Ser sobrenatural é não se encaixar nas normas da natureza conhecidas pelo ser humano, é não ter forma clara o suficiente para ser denominada como pessoa, ser-vivo ou até alguma coisa palpável. Estão sempre entre duas ou mais denominações diferentes, como morto-vivo, pessoa-animal, temporal-atemporal.

H.P. Lovecraft, em *O Horror Sobrenatural em Literatura*,[2] afirma nosso medo natural pela incerteza que o desconhecido provoca e Freud, em *O Inquietante*,[3] mostra que esse medo também pode ser um recalcamento, algo familiar que acabou se perdendo na história e ressurgiu nova e indesejadamente.

Por conta disso, as entidades possuem um grande papel com relação à representação das angústias e dos medos de determinada sociedade, causadas pela sua forma de organização e estilo de vida. Interpretar histórias de horror e estudá-las significa entender qual, num grupo específico, era o assunto que deveria ser escondido, o incômodo social que ninguém comentava sobre, mas que estava lá.

Essas visões sempre estiveram lá, mas foi com a sucessão de filmes após *Ao Cair da Noite* (*It Comes at Night*), de Trey Edward Shults, e *Sombras da Vida* (*A Ghost Story*), de David Lowery, que a discussão sobre a capacidade crítica do horror apareceu oficialmente para o público.

O filme *Corra*, de Jordan Peele, que ganhou o Oscar de Melhor Roteiro Original, é um grande exemplo dessa capacidade.

Discussões sobre a qualificação do filme como sendo "**pós-horror**" e sobre a viabilidade dessa denominação à parte, a história da viagem

de Chris até a casa dos pais de sua namorada a fim de conhecê-los se transforma em um *thriller* angustiante. Peele soube usar a capacidade do filme de horror de produzir desconforto e medo no espectador para não só expor, mas fazer com que quem assistisse ao filme sentisse de forma empática a agonia e o absurdo do racismo, que está presente no cotidiano e nas coisas normais do dia-a-dia.

O efeito produzido pelo diretor escancarou a possibilidade das tramas de horror e suspense de trabalharem com assuntos sérios e críticos e realmente produzirem o desconforto que determinados assuntos devem causar no espectador.

Histórias de horror sempre chamaram minha atenção e o gênero ainda pode agregar muito para nós, espectadores. O horror teve sua origem com castelos escuros e barulhos de correntes sendo arrastadas no chão, mas se desenvolveu e permite efeitos muito úteis para certas discussões.

Mariana Lio

[1] Doppelgänger ou duplo: duplicação da pessoa, de um personagem. Geralmente, representa o lado que ele quer esconder, quase como sua face sombria. Esse evento geralmente traz mau agouro e acaba com a vida da pessoa. O Homem da Areia (Der Sandmann), de E. T. A. Hoffmann, é um exemplo clássico de doppelgänger.

[2] LOVECRAFT, H.P. O horror sobrenatural em literatura. São Paulo: Iluminuras, 2007

[3] SIGMUND, Freud. O inquietante. Freud (1917-1920). “O homem dos lobos” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

Quem contesta o inquestionável?

•

Na inevitável tentativa de entendermos o texto, construímos impressões, preferências e significados e, muitas vezes, tais interpretações não condizem com as intenções originais do autor, porém é importante frisar que isso não deslegitima a opinião do leitor. Melhor dizendo, uma análise que tenta vincular-se apenas à finalidade pré-estabelecida pelo autor perde uma grande experiência de leitura.

Em seu texto *O Rumor da Língua*, Roland Barthes enuncia que **"Uma vez afastado o autor, a pretensão de 'decifrar' o texto se torna totalmente inútil"**.[1] Decifrar o texto seria nada mais nada menos que atribuir a uma obra complexa apenas um único significado limitado, apenas uma leitura.

O sentido do texto pode e deve ser ditado também pelo leitor, por suas interpretações e estruturas de sentimento desenvolvidas pela sua experiência. Tal entendimento não deve ser inserido de fora para dentro, ou seja, por um ser individual, pois quando falamos de construir uma compreensão da obra, o autor, necessariamente, deve estar fora do texto.

Desconfiar de um personagem é o trabalho do leitor. Especificamente, vamos recorrer ao narrador não confiável como exemplo, pois é um instrumento perfeito para explorar as diferentes visões de diferentes pessoas. O que torna o narrador um personagem não confiável? O próprio leitor.

Não há como especificar com estruturas e tópicos explicados como

um leitor desconfia de um personagem, já que a experiência de leitura é algo tão pessoal, mas há noções comuns, conteúdos e pormenores que se repetem. Estes seriam as lacunas de memória, as autocontradições, as pequenas mentiras para outros personagens e as digressões para evitar mencionar alguns assuntos.

Um conceituado exemplo de narrador não confiável é o presente no livro e filme homônimo *As Aventuras de Pi*, de Yann Martel. Piscine Patel, "Pi", fica completamente à deriva no oceano, apenas ele e Richard Parker, um tigre.

Após seu resgate, quase um ano depois, seus salvadores não conseguem acreditar nas histórias que ele conta sobre o que presenciou: histórias e aventuras incríveis, lugares impossíveis de existir. Após o ceticismo e a recusa de muitos em acreditar em sua história, Pi conta uma nova versão, muito mais trágica, mas ao mesmo tempo, crível; **"se você se contenta com o que é crível, para quê você está vivendo?"** Por fim, o leitor não consegue não ter dúvidas sobre a história real, cada um tendo espaço para as próprias interpretações. Nunca teremos uma resposta única sobre o que aconteceu naqueles meses no oceano. A questão da obra é: isso importa? Ambas possibilidades coexistem sem que precisemos eleger a "**verdadeira**".

É quase impossível discutir narradores não confiáveis sem citar nosso maior exemplo nacional, Bento Santiago, o Dom Casmurro de Machado de Assis. Nos primeiros anos após a publicação, o leitor que ainda desconfiava pouco do que lia era levado a acreditar em Bentinho. Machado de Assis construiu um impecável retrato do que a elite intelectual brasileira prezava: um personagem sensível, apegado à infância e devoto à mãe, apaixonado pelo seu primeiro amor, elegante e bom homem, inocente aos interesses duvidosos da esposa, uma mulher que "vinha de baixo".

Foi apenas setenta anos após o lançamento do livro que uma professora norte-americana, que não partilhava do ideal de elegância sentimental da elite brasileira, percebeu as falhas no caráter de Bentinho e a duvidosa história que ele contava. Percebeu que, até então, o leitor via Capitu apenas pelo olhar de cima, dos proprietários, o próprio Brasil conservador. A ampla inteligência da personagem era reduzida pela sua capacidade de trair o marido, toda sua sagacidade era vista negativamente.

A partir desse momento, uma das maiores discussões da literatura

brasileira nasceu. Diversas leituras irromperam para contestar o que até então aparentemente não era questionável: Capitu traiu Bentinho? De uma obra inquestionável, hoje dispomos de uma obra aberta e um narrador não confiável. Das leituras já feitas, temos uma investigação de caráter quase policial, um levantamento de evidências que só podem levar à conclusão do adultério; um homem inocente e romântico sendo corrompido por uma mulher interesseira; uma reviravolta, onde Bento Santiago é o culpado, uma alma egoísta e ciumenta. Há até aqueles que hoje em dia duvidam que era de Capitu que Bentinho tinha ciúmes.

Há versões muito bem elaboradas de *Dom Casmurro* e de *As Aventuras de Pi* para se dizer que há uma conclusão. O autor pode construir algo que para ele seja inquestionável, mas para o leitor sempre haverão aberturas para interpretação. Precisamos mesmo de uma conclusão? A forma mais elevada de interpretar um livro é ter a certeza de que não há certezas.

Julia Helena de Oliveira

[1] BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 51.

Representatividade explanatória

•

TW: Homofobia, transfobia, queerfobia e sugestões de violência.

Na década de 1990, surge na comunidade científica a teoria de que haveria uma explicação genética para o comportamento homossexual, que, à época, englobava no imaginário cis-hetero-normativo todos os comportamentos que desviavam da norma socialmente aceita. A ideia mais defendida nesse ponto era a de que haveria uma variação na cadeia de DNA do gene que regula os receptores de hormônios andrógenos como a testosterona, que são responsáveis, entre outras coisas, pela manifestação de característica sexuais secundárias associadas à masculinidade.

Para o imaginário coletivo, isso era um grande avanço para a humanidade. Sabendo-se a causa, podia-se definir que tipo de ocorrência era (no caso, uma síndrome ou doença, já que partiria de um problema genético) e como lidar com ela (alguns artigos sugerem testes genéticos para permitir às famílias abortarem bebês que poderiam ser gays, por exemplo).

Tudo que desafia a frágil ordem dos estabelecidos é disputado e refutado. Nas palavras de Kuman,[1] a **"busca pela causa da homossexualidade é na verdade a busca por uma explicação para *o que deu errado e quem é responsável* pelo desenvolvimento de orientações homossexuais"**. Parte-se do pressuposto de que a realidade das maiorias sociais e políticas é a correta e, portanto, as demais só podem ser desvios.

Fora a nada surpreendente abordagem de causa única focada em

explicações biológicas (afinal, para muitos só as *hard sciences* podem mostrar a realidade como ela é), também não surpreende em nada que o foco da teoria fosse a figura usualmente vista como neutra do cis-homem hétero de comportamento masculino. É a essa figura que se compara os ditos desvios de existência.

Apesar de a teoria genética ter sido estudada e desafiada ainda em 1993, em artigos como o de Macke e colaboradores,[2] as *fake news* da época já haviam sido espalhadas e essa explicação seguia sendo repetida. Outras teorias também foram criadas, assim como outras soluções para o 'problema': terapia de choque; campos de conversão; *pray the gay away*...

> **Mesmo na década de 1990, as imagens midiáticas da homossexualidade não conseguiam se livrar dos tons médicos e psiquiátricos. Uma razão para isso era que muitas das explicações para as causas da homossexualidade vindas dos círculos psiquiátricos e médicos tinham sido extremamente popularizadas, então elas continuavam a reverberar na esfera das percepções de senso comum mesmo depois de descartadas pela ciência.[3]**

Mesmo as teorias específicas sofrendo mudanças ou sendo abandonadas, a busca pelos culpados e pela culpa continua. E esse discurso se torna ainda mais nocivo quando é acoplado à representatividade midiática, em especial quando teorias pouco científicas são usadas de embasamento para disseminar o preconceito.

Talvez você já tenha lido algum livro em que existem piratas que mantêm relações homossexuais por não haverem mulheres em seus navios, por exemplo, ou com mulheres que se reúnem em comunidades sáficas ou assumem identidades masculinas como forma de se protegerem

de homens violentos. Talvez já tenha visto um seriado com uma personagem que é assexual por ter sido vítima de violência no passado.

Os exemplos não têm fim e as identidades atacadas são sempre as minoritárias.

Esse tipo de *representatividade explanatória* é tóxica para aqueles que buscam se reconhecer na mídia ao reproduzirem pontos de vista culpatórios e justificativas para nossa existência. Ela reforça e reproduz o discurso primário de que é preciso explicar porque existimos e o discurso secundário de que essa explicação só pode existir na forma patologizante. Assim, reforça o discurso de que o estabelecido é o normal e o natural.

Além de ser uma força social em prol da desigualdade, é também uma agressão psicológica aos leitores. Ela levanta questionamentos e problematizações antagônicos à autoaceitação. Ela não contribui em nada para o bem-estar do espectador ao fazer isso, mas oferece ao autor a possibilidade de lutar por sua ideologia de opressão sem precisar oferecer evidências. A ficção pode ser usada para tentar entender e explorar a realidade, mas, quando isso é feito sem ética ou respeito, torna-se mais uma ferramenta de opressão e violência.

O papel social de criador e contador de histórias, sejam elas no formato que forem, exige assumir também responsabilidade ética por nossas produções. Isso inclui nos perguntarmos quem pode ser ferido pelo que fazemos e como podemos amenizar os danos de nossas obras - como a adição de avisos de gatilhos, por exemplo.

A tentativa de explicar uma razão, causa ou origem para determinada afetividade ou identidade de gênero, como já dito, assume o não-dito de que é preciso se explicar essa existência e precisar explicar uma identidade também é desafiar sua validade. Procurar apenas um fato ou circunstância que a explica, então, é ainda mais agressivo por querer mostrar, retomando Kuman,[1] exatamente o que "**deu errado**". É preciso comportamento ético, honestidade intelectual e profundidade na consideração de tudo que não nos representa ou que nos representa apenas parcialmente - afinal, cada história é uma história. Você pode oferecer diversas informações biológicas, sociais, históricas, psicológicas e tantas outras sobre seu personagem para mostrar quem ele é, um ser complexo e multifacetado, com profundidade.

Mas tentar explicar fenômenos complexos como identidade de gênero, afetividade e sexualidade com uma relação de causalidade direta além de danoso para o leitor é prejudicial para a coesão, profundidade e capacidade da obra de manter a suspensão de descrença.

Todos perdem com histórias rasas e tóxicas que tentam apenas justificar os preconceitos de seu autor.

E, sim, nossos preconceitos transparecerão em nossas obras. Por isso, antes de pularmos no barco da representatividade, seja por motivos monetários ou por um desejo honesto de contribuirmos socialmente, precisamos nos informar.

Converse com pessoas dos grupos que quer representar, tenha empatia e ouça o que elas têm a dizer sem tentar reexplicá-las em suas próprias palavras. Investigue seus preconceitos e o que você acha que sabe sobre elas e se permita aceitar seus erros. Tenha respeito e carinho pelas personagens minoritárias em suas histórias.

Por fim, faça o que fizer, **jamais** tente achar uma justificativa para elas serem quem são.

Claus Corbett

[1] KUHAR, Roman. Media Representations of Homosexuality: an analysis of the print media in Slovenia, 1970-2000. Ljubljana: Peace Institute, 2003. Disponível em: http://pdc.ceu.hu/archive/00001509/01/Media_representation_of_homosexuality.pdf. Acesso em: 14 mai 2020. p. 58, grifos do autor.

[2] MACKE, J. P.; HU, N.; HU, S.; BAILEY, M.; KING, V, L.; BROWN, T. et al. Sequence variation in the androgen receptor gene is not a common determinant of male sexual orientation. Am J Hum Genet, v. 53, n. 4, p. 844-852, 1993. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1682384/. Acesso em: 14 mai 2020.

[3] KUHAR, op. cit., p. 59. Tradução nossa.

Originais

Poesia

João Ricardo Salles
Tadeu Yamamoto
Murilo Kühl
Fernão Galvão
Pamella Opsfelder de Almeida

Ilustração

Gabriel Affonso

Prosa

Brendon H. S. França
Lúcia Teresa da Rosa
Felipe Cavalcante
Rodrigo Giovanini
João Ricardo Salles
Gabriel Affonso
Fernão Galvão

Ensaio

Jonathan Fenile

Nossa mesa

Ao meu banquete eu convido todos
que por entre meus dias
eu pude oferecer um sorriso
um abraço
um beijo
uma transa
ou uma reza.

Em meu banquete não faço distinções
de cor
de sexo
de classe social.

Em minhas cadeiras sentam-se os puros
seja a bicha
a puta
a mulher simples
ou quem e o que for
– desde que seja algo e tenha coração.

De minha mesa comem todos
os que têm fome de alimento
e os que se fartam de coragem e que lutam sem arrefecer.

Nos meus salões todos podem dançar
ao som de mantras, rituais do corpo e da alma
pois aqui somos todos mesma carne:
das minorias, dos oprimidos
– porém fortes e de queixo ao céu erguido.

Nossas túnicas são simples
não precisamos das medalhas de exército nenhum
nem continências de canalhas.

Em nosso banquete resistimos
à fome que nos é oferecida em abundância
por capitães que se julgam divinos, messias
de tempos de horror.

Em nossa morada os espelhos são vastos
me vejo em tantos
me sinto em tantos
sou tantas vidas em uma vida
e sou também um pouco de ti
e você parte de mim.

Em nosso banquete temos tudo:
coragem
força
resistência
amor.

No horizonte do amanhã o sublime nos anseia
– o tempo vai passar uma vez mais.

João Ricardo Salles
escritor de contos e poesias com especial interesse em buscar algo profundo no interior do banal.

Nossa mesa é uma poesia sobre todos nós, sobre nos reconhecermos uns nos outros.

Sala de troféus

Finalmente consigo me ver!
O caminho percorrido já é maior que o que ainda me falta.
Será que já fiz o suficiente? Como está a minha sala de troféus?
Ainda faltam alguns, mas talvez já tenha feito o suficiente.
Finalmente, já vejo a linha de chegada, pela primeira vez eu sinto que posso alcançá-la.
Me sinto digno e talvez já tenha feito o suficiente.
Finalmente, consigo me ver!
Através dos meus próprios olhos e vejo onde fiz o
papel de qualquer um... menos de mim mesmo.
Finalmente, eu me vejo!
Inteiro e sobrecarregado, sou uma história emaranhada que
[tenho vergonha]
de contar, mas estou aprendendo lentamente a desatar os nós.
Finalmente, eu me vejo!
Deixando meu coração sentir o que quiser; troféus, medalhas,

nada tem valor agora; sofrimento e prazer são igualmente
[reverenciados.]
Agora, só quero o que é real, deixo de lado o hall da fama e
deixo em destaque meus maiores fracassos,
porque sou digno de amor de qualquer forma.

Tadeu Yamamoto
ex-militar que costuma escrever reflexões e crônicas.

Sala de troféus é uma reflexão melancólica, mas com final otimista, da vida.

O PSICOPOLIMATA

Quem não é por dentro uns vários povoados?
Há um homem sequer que não seja dois?
“Se sim, porque não é palpável existência”
Diz quem diz se há ou não a consciência.

Os habitantes interiores são signos interpretados.
Mas, assim não viu Sartre, transcendentemente, pois,
O ser humano é uma - prepare o fôlego em resistência -
Bimnemosociometantropobiopsicovivência.

Porém, desse ser, difícil é a compreensão
De sua seminfinita emoção, razão, interpretação...
Pelos lados e onipresente, no humano há desejo,

Porém, todo ser é uma casa vazia
E aquilo qu'eu não vejo -
Ah... isso há muito só Freud já dizia.

Murilo Kühl

escritor do que falta no mundo, participante do movimento político "Convalescença" de Guerra Junqueira, defensor da educação e contra o olavismo.

Mui narcisos

A humanidade se tornou
De si um admirador;
Namora-se bela, sem temor
Àquilo que enfim virou.

Toda gente põe-se a louvar
Com cem fulgores mil,
Sem a arte de ser gentil,
A imagem de si a se amar.

Cada um tem seu santuário
Com uma sacra veneração.
Cada um tem sua exultação.

Na procissão dum voluptuário
Da própria imagem, a perfeição;
Da santíssima verdade, a opinião.

Murilo Kühl

escritor do que falta no mundo, participante do movimento político “Convalescença” de Guerra Junqueira, defensor da educação e contra o olavismo.

Identidade

O pessoal é político,
E isso já não é novidade.
Só um pouco analítico,
Pra buscar sempre a verdade.

Quem eu sou, o que eu sinto
E a ideologia dominante,
Se eu sou eu e eu não minto,
Do social, é o reflexo de meu semblante.

A essência humana é o resultado
Da história material,
De bons e maus bocados
À parte do bem e do mal

Nossa natureza é um conjunto de disposições:
Consciência e criatividade,
Empatia e solidariedade,
E isso é neurologia.
O resto são criações
Da dominante ideologia.

O Ser é o Mesmo que si
E Outro que o Mesmo,
Uma frase bem confusa que um dia li
Lendo filosofia à esmo.
Eu só existo face à sociedade,
E aí mora a ontologia
Pra eu falar de identidade
Teria que falar da de toda essa ladainha,
E falar disso em poema
Resultaria em muita tautologia.
Como tenho mais o que fazer,
Deixa quieto quem eu sou.
Me contentarei em apenas em ser,
Se na mão tenho uma breja gelada, fechou?

Fernão Galvão

estudante, escritor habitual de contos e poemas, iniciante em um romance.

O MENINO QUE FAZIA CARRINHOS DE MADEIRA

TW: AGRESSÃO, GUERRA, VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Carros. Laquê. Luzes azuis.
Ele nunca brigou com nenhum valentão.
Ele não tinha força.
Tinha asma.
Então cravou um símbolo genocida na pele, porque sabia que o respeitariam pelo medo.

Ele só queria brincar com seu carrinho de madeira.
Ele só queria brincar com o tanquinho
e com todos os soldadinhos mortos.
Ele só queria brincar de ser o Adolf, só às vezes.
No fundo, queria ser os americanos.
Tinha que querer.
Os americanos não eram os mocinhos?

Ele só queria brincar com um carro de verdade, mas não podia.
Tinha asma.
Tinha uma namorada também
e como não sabia o que fazer com ela
fez o que os americanos faziam no cinema
e puxou o cabelo dela
e disse
“você é minha”.
Comprou um carro e era o rei do seu pequeno mundo.

Ele nunca brigou com nenhum valentão,
só nos jogos de adultos
de ser general
porque francamente, quem quer ser soldadinho?
E brincou de ser general
colocando os filhos nos devidos lugares.

A menina do futuro queria brincar com ele.
Ela via em seus olhos carrancudos e distantes
naqueles olhos duros
furos escuros
aquele menino fraco
que um dia, antes de ser general,
foi doce
e depois de cravar o símbolo genocida na alma
foi triste.

A menina do futuro se pergunta
se ele sabia.
Se ele sabia
que ela só queria
brincar
e só queria amar
o menino que fazia carrinhos de madeira.

E ela amou
o menino que fazia carrinhos de madeira.
E ela o amou
quando ele quebrou
todos os sonhos
e todos os gostos.
Quem matou os sonhos
do menino que fazia carrinhos de madeira?

Ele sonhava com carros do espaço sideral.
E robôs.
E espadas brilhantes.
E batalhas.
E carros.
E guerreiros.
E dragões.
E carros.
E trincheiras e espingardas.
E carros.
E exércitos marchando em uníssono.
E carros.

Ele a amaria
se ela virasse
um carrinho de madeira.
E a amaria se ela quisesse
um carrinho de madeira.
Mas ela não queria mais brincar.
Só queria ser uma fada
e voar pra longe dali.

Pamella Opsfelder de Almeida
pesquisadora que costuma escrever poesia como terapia e fantasia, participante do movimento feminista e do movimento LGBTQ.

O menino que fazia carrinhos de madeira é um conjunto de versos livres e brancos sobre a construção da identidade de um homem desde sua infância até a idade adulta. Em sua trajetória marcada por complexos de inferioridade e medo, ele se refugia em ideologias extremistas e violentas que, futuramente, refletem-se na maneira abusiva como trata sua esposa e filhos. O poema é um estudo da masculinidade tóxica que transforma garotos frágeis em homens monstruosos.

Quando me reconheci pela última vez?

Gabriel Affonso

estudante de Direito amante incorrigível das artes em geral.

A ilustração refere-se à crise de identidade diária de cada humano vivo no mundo na pós-modernidade. A cor branca contrasta com a imensidão esmagadora da escuridão de fundo, que representa o consumo, as crises amplas da sociedade e um passado que ainda nos assombra. Resta pouco espaço para se lembrar de quem somos o que nos faz lamentar, aos prantos, num chão gelado.

Querem me apagar...

De novo...

Gabriel Affonso

estudante de Direito amante incorrigível das artes em geral.

A ilustração representa a desintegração da identidade masculina, que necessita constantemente de reformas, visto que a virilidade e a mistificação do homem são, na realidade, falsidades. Também abre espaço para a questão do homem como um iconoclasta de si mesmo e de sua figura na realidade dos novos tempos.

A CHUVA

Aquele dia com certeza havia sido o pior e era impossível ficar mais difícil. Mesmo que seu trabalho não fosse braçal, sua mente estava sobrecarregada. Os nós dos dedos doíam de tanto digitar, e seus olhos podiam sentir o desgaste do monitor, como se cada página lida fosse um alfinete longo e afiado colocado atrás dos olhos. Sua dor de cabeça tinha começado há pouco e era suportável, mas talvez piorasse no metrô como em tantos outros dias.

Quando o relógio deu sua sentença, “17h50!”, o homem se levantou como se houvesse um peso em seus ombros, recolheu sua pasta, vestiu o casaco e por fim entrou no elevador minúsculo. O cheiro de mofo e cigarro era amargo e forte. Algumas pessoas o espremeram na porta que dava para rua, mas enfim estava livre. A luz do entardecer não o cegou, estava escondida entre as nuvens cinzas, mas deu outro tom frio ao fim do dia.

Os prédios vomitavam pessoas aos bandos, e estes, uma vez libertos, corriam com certo desespero e cansaço, precisavam

acabar com a agonia de ser ninguém em um prédio para que pudessem reinar no conforto de suas casas. Alguns chegavam a brigar como animais quando se esbarravam, bloqueando calçadas e catracas do metrô, formando filas e mais filas.

Um estrondo rompendo mais alto que todas as buzinas avisava que a chuva vinha, e em menos de um segundo todos nas filas estavam em posse de seus guarda-chuvas, exceto ele. Percebendo isso, o homem quase foi tomado por um sentimento de angústia, até que as primeiras gotas caíram em sua nuca.

A água não estava gelada como de costume, parecia mais uma chuva de verão trazendo em si um pouco de alívio. Olhando ao redor, todos pareciam emburrados demais para perceber a diferença, preferiam a segurança de seus guarda-chuvas. O olhar no rosto da maioria era de um tom acinzentado, como se refletissem a tela colorida de seus celulares. Ele ergueu a cabeça e se endireitou, sentiu todo o corpo estalar e, caminhando para o lado, saiu da fila.

Fora dos limites da calçada, a chuva estava mais forte, e os carros pareciam ganhar mais cores conforme a água lhes tirava a poeira. Todo aquele barulho parecia mais afinado, já era possível ouvir o violão no outro lado da avenida, e a música trouxe a memória um sentimento distante de conforto e alegria. A expressão em seu rosto estava se abrindo, e começou a sorrir enquanto atravessava o trânsito, havia lembrado seu próprio nome. “Oliver,” pensou. “Eu sou Oliver,” concluiu.

Fechando os olhos por um segundo, Oliver levantou o rosto em direção à chuva, lembrou de sua cor favorita e de qual sabor de comida sua boca sentia falta. Abrindo os braços, sentia que seu corpo todo respirava e ganhava solidez. Sua roupa não pesava mais como antes, agora havia apenas o

peso da água nela, e sentia que até mesmo seus pensamentos estavam livres. Lembrou-se de quando era pequeno e como eram divertidos os banhos de chuva e as brincadeiras com as poças. “Quando foi que perdi isso?” se perguntou. Enquanto sorria mais feliz e caminhava em direção ao outro lado da rua, repetia para si mesmo sua conclusão: “Nada foi perdido.”

Agora, conseguia enxergar o verde de algumas árvores, ouvir o vento se movendo entre os prédios e sentir o sangue correndo na palma de suas mãos. Sua dor de cabeça já não existia. Tudo estava diferente, como se tivesse acabado de acordar.

O som de uma música começou a ecoar no fundo de sua cabeça, a melodia era boa, deveria ser algo de Dave Brubeck, imaginou, e, caminhando de poça em poça sem pensar mais no tempo, percebeu que o caminho para casa a pé não era tão longo. Logo, poderia abraçar sua família e escutar como havia sido o dia de cada um.

Aquele dia acabava de se tornar um ótimo dia.

Brendon H. S. França

aluno da Unicamp, escritor de contos.

Uma pessoa

Sou uma pessoa. Uma pessoa que escreve.

Que pensa muito, que analisa muito, que repensa, que corre e decorre e escorre, esbarra e para e pensa, rascunha e rabisca e escreve. E, quando percebe, não está mais nesse mundo, nem em outro, mas na divisão dos dois. No exato limite que não limita nada. Na divisão que não divide, que não separa um mundo de outro, mas que, de alguma forma, também não os mistura, nem sob prece, nem sob ameaça. Mas, ao mesmo tempo, não são mundos diferentes, mas exatamente os mesmos.

Talvez isso não faça sentido. Talvez faça.

Talvez é porque eu já esteja na linha, no limite, onde nada e tudo são a mesma coisa e você ainda não esteja. Ou você está e eu ainda não. Ou os dois estamos e essa é a sensação de se estar no limite. Exatamente isso, essa coisa indefinida que você sabe que está ali, mas não sabe descrever com precisão. As melhores coisas são assim. E não há maior liberdade do que esse limite.

A agonia de não saber quais as palavras certas, mas ter a certeza de que elas já foram ditas e que todos entenderam, que todos sentem. Não sei. As melhores coisas da vida não têm explicação, ouvi uma vez.

Mas esse não é o tópico, não ainda. O tópico sou eu e eu sou escritor. E sou uma pessoa e, como uma pessoa, tenho uma alma. Mas, como escritor, tenho várias almas. Sim. Várias almas que, no conflito de suas inquietantes vozes, controlam tudo e sobrecarregam a carcaça que as carrega. E, dessa maneira, controlam tudo aquilo que me diz respeito e, amplificando ou reduzindo, modificam o que parece uma estrutura forte e estável que não poderia ser mais flexível.

E, nesse mundo de tantas vozes e tantas almas, uma alma de escritor, tão maleável, tão flexível e tão - ao mesmo tempo - constante e inquebrável, deveria se deixar abalar, mas sempre, eventualmente, retornar ao seu ponto de equilíbrio.

Ou não, na verdade não, mas essa, por enquanto, é a teoria que sigo aqui e, nítido ou não, descrevo-a nessas palavras minhas e, com base nela, peço desculpas não a você, mas a mim. Por levar tanto tempo para escrever essas páginas. Para conseguir colocar os dois mundos - e tantos outros - num limite, esse limite que falo, que os respeitasse, numa conformidade cheia de falhas, mas completa do jeito que deveria ser. Anos. Anos.

Arrependo-me por não ter controle de todas as minhas almas, ao passo que as quero livres.

Sinto a angústia corroer meus pulmões e arrancar meus suspiros toda vez que penso a quantidade de tempo que perdi para finalizar, finalmente finalizar, estas páginas, ao passo que

Mariana Leo

elas amadureceram e não poderiam estar mais prontas.

E, por fim, rio de meus paradoxos e minhas explicações, que talvez só façam sentido em minha cabeça, mas que, exatamente por isso, fazem sentido o suficiente para que eu possa dizê-las.

Por fim, perdoo a mim mesmo por tanto buscar controle quanto querer ser livre.

Espero que você se perdoe também.

Lúcia Teresa da Rosa

uma pessoa que na verdade é mais de uma, escritora de reflexões.

Sapato de cristal

TW: transfobia

Todos haviam ouvido falar das novas, sobre como o Príncipe e todos os seus homens estavam percorrendo o Reino em busca de uma moça.

O baile acontecera já há três dias e fora o maior em muitos anos.

O enorme salão do palácio real parecera até pequeno para todas as moças do Reino, que atenderam prontamente o convite da realeza.

Diziam que aquele baile era para escolher a moça que casaria com o Príncipe.

Todas elas sorriram gentilmente para ele, se curvaram com reverências corteses e se ofereceram da melhor maneira possível numa desesperada esperança, mas apenas uma moça chamou a atenção dele. Ele pegou na mão dela e a convidou para dançar, e depois eles saíram para algum lugar nos jardins para conversar. E então o relógio da torre começou a soar meia-noite e

a moça saiu desabalada e, na sua fuga, deixou cair um sapatinho de cristal.

E era nesse sapatinho que as esperanças do príncipe estavam.

Ele e o seu criado de libré testavam todas as moças, aquela em quem o sapatinho coubesse seria ela. Ele tinha essa certeza, mas continuava frustrado, pois a cada vez que achava ter encontrado a moça, não era.

Finalmente chegaram a um enorme casarão onde se sabia que vivia a viúva de um rico comerciante de vinho.

Quando bateram na porta, ela os atendeu prontamente. Era uma mulher elegante e bem vestida, com um sorriso em seu rosto, mas os olhos frios, quase vazios e tinha duas filhas, que desceram aos trambolhões ao ouvir que o príncipe estava ali. As duas irmãs experimentaram o sapato, mas ele não cabia em seus pés. Ele era muito maior do que o pé delas.

– Não há mais ninguém nessa casa que possa experimentar esse sapato? Nenhuma moça?

– Creio que não Vossa Majestade, apenas minhas filhas - disse a madrasta, mas o Príncipe sentiu algo no jeito que ela falava, no modo como enfatizava a palavra “filhas”, em seus frios olhos de pedra. E ele ordenou que lhe mostrassem a casa, as salas, os quartos, a cozinha...

– Não há mais nenhuma moça nesta casa, Vossa Alteza. Tudo o que há aqui é o filho do meu antigo e falecido esposo - disse a madrasta, apontando para uma figura que facilmente se diria de um rapaz coberto de borralho da lareira segurando uma vassoura, usando um avental sujo e os cabelos negros amarrados num rabo de cavalo.

Mas então algo aconteceu. O Príncipe não passou batido por ele, havia algo nele. Os olhos eram brilhantes e lindos como uma noite de verão.

E ele reconheceu naqueles olhos os olhos da moça. E ele sabia que era ela.

Pois, olhando naqueles olhos, tudo o que via era uma linda moça. O Príncipe se ajoelhou diante dela e pediu que experimentasse o sapatinho.

O criado de libré ficou confuso quando o príncipe ordenou que tentassem o sapatinho naquele “rapaz”, mas obedeceu. E, para a surpresa de todos, o sapatinho coube perfeitamente, então a filha do comerciante tirou o outro sapato de cristal do seu bolso.

O Príncipe sorriu, abraçando o seu amor. A moça pôde soltar os seus longos cabelos negros, algo que a madrasta nunca permitira, calçou o sapatinho de cristal e aceitou com alegria quando o Príncipe lhe convidou para vir para o palácio com ele.

Ela montou no cavalo dele, agora vestida propriamente com um vestido como nunca podia fazer, os braços dele envolvendo-a. Ele beijou-a carinhosamente nos lábios, e seguiram juntos ao palácio.

Felipe Cavalcante

escritor de contos de horror, fantasia e temáticas LGBTQIA+.

Sapato de Cristal revisita o clássico conto de fadas da Cinderela, mas com uma pequena diferença de identidade de gênero da Gata Borralheira, destacando como isso não muda a história.

Você não sabe amar

TW: término de relacionamento

– Como posso ajudar o casal? – O garçom perguntou educadamente. Era um jovem, provavelmente universitário, aguardando ansioso por um pedido grande e uma taxa de 10% que valesse a noite.

– Qual o seu melhor vinho? – Eduardo perguntou ao garçom. O garçom começou a responder alguma coisa para ele, mas nesse momento Júlia já não ouvia mais nada. Ela sabia que Eduardo, seu noivo, conversaria por dez minutos com o pobre rapaz, mostrando todo o seu conhecimento em vinhos e sendo o esnobe que costumava ser.

– Pode ser esse mesmo. – Júlia disse, apontando para um vinho qualquer na parte mais cara do cardápio. Eduardo olhou para ela incrédulo.

– Mas amor, esse é rosé, você sabe que o vinho rosé tem um sabor mais... – Ele falou por algum tempo, o bastante para que Júlia parasse de ouvir novamente. Ela concordou com a cabeça mais vezes do que o normal e ele pareceu satisfeito. – Certo, que

bom que concordamos, minha linda. Vai ser esse bordô então, amigão. Duas taças.

O garçom terminou de anotar e foi para o balcão perto da cozinha. Provavelmente cuspir na taça do Eduardo, ela pensou. Eles ficaram em silêncio por dois minutos, quando ele puxou assunto:

– Então amor, eu falei com a minha mãe sobre o noivado, ela ficou muito feliz e nos convidou pra jantar lá essa semana. O que você acha? – Ele batia o pé no chão e dava nós na língua dentro da boca, ansioso por uma resposta.

Júlia se lembrou da sogra e, se lembrando da sogra, lembrou também da adolescência. Ela e Eduardo se conheceram no final do ensino médio, eram de salas diferentes, mas sempre se olhavam pela escola. A primeira vez que conversaram foi numa reunião sobre viagens de formatura. Um tempo depois, eles começaram a namorar; um tempo depois, ela queria conhecer a família dele, queria que a mãe dela fizesse amizade com a mãe dele. Queria que seus pais tivessem assunto, torcessem pro mesmo time, almoçassem juntos no domingo.

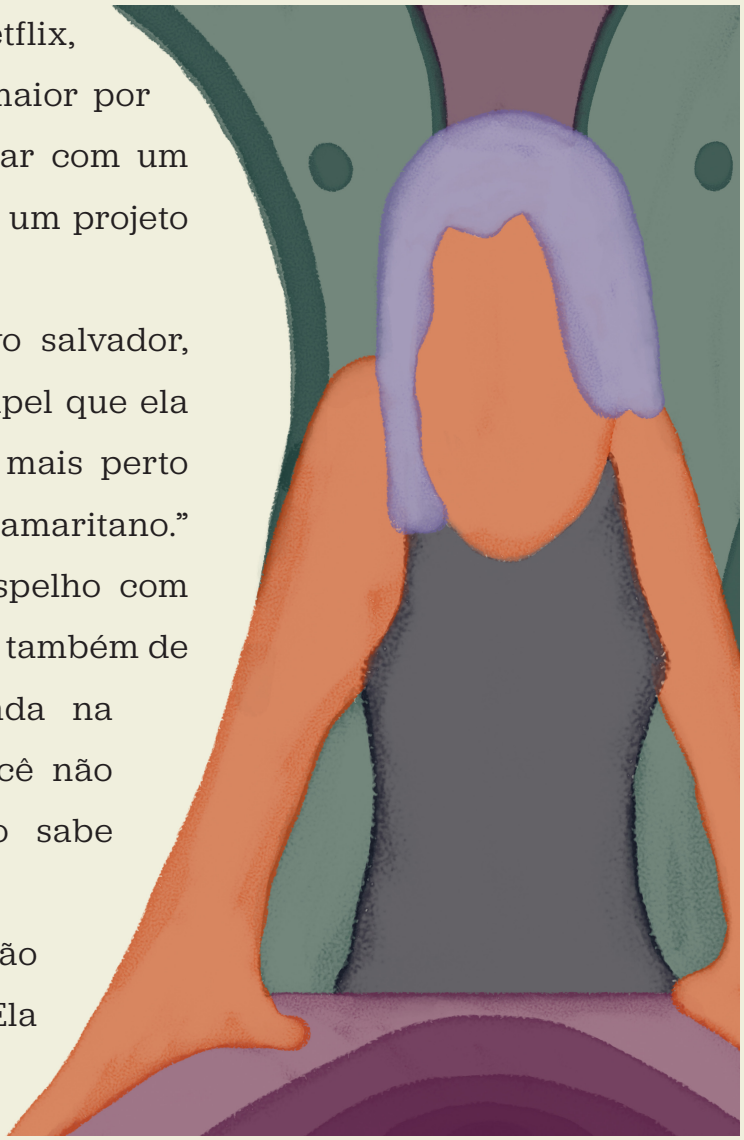
Eles chegaram a ver jogos da copa juntos.

Agora, Júlia só queria ver a família dele de quatro em quatro anos, melhor que fosse na copa.

– Que ótimo, meu amor! Pode ser na quinta? Acho que é o dia menos corrido pra gente. – Ela respondeu com um sorriso forçado. Até quinta ela conseguiria uma desculpa para não ir. Será que eles deveriam terminar? Júlia pensou um pouco sobre isso, sobre como mudou com o passar dos anos e quase que só via isso agora. Eles namoravam há seis anos, mas pra ela já tinha sido mais do que o bastante. Estava cansada.

Ela foi ao banheiro para respirar, precisava de um tempo sozinha, sem a voz incessante de Eduardo para colonizar a mente dela. Ele não era má pessoa, só era extremamente bom... extremamente indulgente. Ela não queria se casar com um mártir. Ele abriu mão até de comprar um videogame para dar uma viagem de presente pra ela. Isso era fofo, mas não era o que ela queria. Falava-se muito em amores que fazem de tudo um para o outro, amores jesuíticos. Ela não queria um amor desses.

Olhando para o espelho do banheiro de um restaurante italiano a três quarteirões do apartamento dela, Júlia teve um treco mental. Ela odiava Eduardo. Odiava o fato de ele deixar o pedaço maior de torta para ela, odiava que ele a deixasse escolher absolutamente tudo no Netflix, não suportava pegar o bife maior por bondade dele. Ela queria estar com um ser humano normal, não com um projeto de messias.



Mariana Lio

"Oh Eduardo, nosso novo salvador, tu levantaste para pegar o papel que ela derrubou e que estava bem mais perto dela. Tu és mesmo um bom samaritano." Ela riu para si mesma no espelho com raiva da situação. Lembrou-se também de uma ex-namorada dela, ainda na época do ensino médio. "Você não sabe amar, Júlia. Você não sabe amar."

– Deus do céu, eu só não entendo o que é o amor. – Ela pensou alto em frente ao

espelho. Uma mulher dentro de um dos boxes de privada respondeu:

– Amiga, o amor é isso mesmo. – A mulher parou de falar quando deu descarga e saiu do box em seguida. – É bobagem, não adianta quebrar a cabeça. – Ela sorriu e saiu sem lavar a mão. Júlia riu de novo, dessa vez mais alto, dessa vez mais verdadeiro. Ela não sabia amar, e esse foi o pensamento mais libertador de sua vida, porque ela também não sabia andar de skate, fazer caipirinha, recortar as coisas com tesoura e desenhar.

Ela não era o tipo de pessoa que se dedicava a algo se já não fosse boa naquilo. Ela nunca aprendeu francês porque percebeu que não sabia francês logo de cara, nem a tocar violão porque uma semana não era o bastante para tirar uma música. Vinte e quatro anos depois de ter nascido, ela não sabia amar.

– Não vai ser agora que eu aprendo, Edu. – Ela disse antes de fechar a porta.

Rodrigo Giovanini

estudante, escritor de poesias sem métrica, narrativas curtas e, vez ou outra, narrativas longas. Sonhos com roteiros e teatro. Participante do movimento LGBTQA+ e do grupo de escrita criativa Autores Anônimos (Unicamp).

22 de setembro de 2019

Não dormi bem novamente. De fato, é uma situação que vem se repetindo há tempos. Já estou me acostumando – a contragosto, claro. Penso em marcar uma consulta, visitar um médico ou psicólogo, não sei que tipo de especialista é mais recomendado. Talvez um psiquiatra? Talvez. É algo novo, que absolutamente nunca ocorreu em nenhum outro momento da minha vida. Sempre dormi bem. E em quantidade suficiente. Mas não mais. Será a idade avançada? Algum sintoma de desequilíbrio hormonal? Será uma questão de ordem psíquica? Não acredito. Nada de tão destoante da normalidade cotidiana ocorreu nos últimos tempos. Para confirmar, cheguei a ler inclusive os últimos dois meses do diário, pensando que talvez encontrasse alguma anotação de algo diferente que pudesse ser incriminado como o gatilho da falta de sono. Nada encontrei de diferente. Minha velha se preocupa, porém tento evitar repetir o assunto e disfarço na cama muitas vezes.

Tenho bebido quantidades notáveis de café, é verdade. Mas sempre foi assim. Inclusive agora, enquanto escrevo, tenho a companhia de uma xícara de preto forte. Foi-se a época das garrafas de vinho. Eventualmente, saboreio uma bela taça de vinho e delicio-me, mas com outras pretensões – puramente gastronômicas. Vou pelo sabor e pelo prazer. Não mais pela bebedice. De todo modo, não acredito que a falta de sono deva-se ao consumo de café. Mesmo assim, seria interessante diminuir um pouco o consumo e verificar se durmo melhor. Talvez faça isso nos próximos dias.

Sinto que estou ficando velho. Porém, venho de uma família de indivíduos longevos – meu pai viveu até os oitenta e seis, e minha mãe chegou na casa do noventa anos. Trago comigo, aliás, uma frase que muitas vezes a ouvir dizer: “Deus me deu em anos o que eu pude carregar”. Sendo assim, é possível que eu ainda tenha alguns bons anos pela frente, se for um bom carregador – e se a bengala continuar firme.

Me recordo que alguns grandes escritores viveram muitos anos. Tolstoi faleceu aos 82 anos - o que não parece muito hoje em dia, mas certamente era uma idade expressiva em 1910. Saramago chegou aos oitenta e sete lúcido, apesar de muito debilitado. Um dos mais impressionantes foi Hobbes, o filósofo, que chegou aos 91 anos em meados do séculos XVII. Mas não pretendo viver tanto tempo assim, julgo um pouco egoísta querer se apoderar tanto do tempo. Pela minha ótica, é mais adequado viver enquanto se possa viver e não apenas fazer presença em uma cama, doente e miserável. Existem outras opiniões a respeito, claro, e as respeito todas. Mas me encanta mais a possibilidade de morrer ainda de pé do que de joelhos, como se a Vida tivesse se cansado de nossa presença e estivesse nos chutando para fora

do jogo da existência. Apenas gostaria de poder ir antes da velha, pois ela sem mim é capaz de viver; já o oposto é indagável.

Acordei (mesmo sem dormir) e me mantive ainda debaixo das cobertas em posição fetal, talvez buscando alguma vaga lembrança de um momento distante em que dormia nessa posição quando criança. Como se solicitasse, por simples repetição de gesto, a dádiva do sono merecido. Permaneci na cama, estático, como se ainda acreditasse que o sono pudesse chegar, como se tentasse me convencer de que ele *fosse* chegar. Mas não veio. Sua ausência é sentida faz tempo, sendo um golpe duro a cada noite sem dormir e a cada manhã ao despertar. A madrugada é longa. Ao meu lado, ela com seus cabelos brancos e uma face de descanso sublime e honesto quase moldada em mármore. A luz do abajur incidindo sobre nossa cama enquanto lá fora o vento soprava, criando um leve sussurro pelo corredor lateral de nossa casa. Tento me lembrar de quando foi a última noite de bom sono que tive. Tarefa difícil, dificílima. Não me lembro, mas poderia mentir. Poderia dizer que foi no início da semana, que foi no início do mês, no início da vida. Agora, falo a verdade. Engraçado como a verdade e a mentira têm uma fluidez muito delicada. Admito que não sei, perdi a noção exata dos dias, das horas, dos minutos. Muitas vezes, recorro ao diário como calendário.

Em geral, minhas janelas permanecem mais fechadas, enquanto meus olhos não se fecham e tento forçosamente atrair o sono como numa armadilha. O escuro é como uma súplica, um elogio, uma ritual de invocação. É um pedido honesto. É uma representação da noite, como se a similaridade pudesse despertar a benevolência daqueles que fornecem o sono dos justos. Mas o sono tem se esquivado, se alistando em outras camas que não a minha.

Devo realmente procurar um especialista na questão, é o melhor a se fazer. Mas não quero me deter apenas neste assunto. Tenho anotações mais importantes e prazerosas a escrever.

Depois do almoço, me coloquei a ler os jornais. Leio-os na internet, devo admitir. Por mais que tenha alguma aversão, a verdade é que os meios virtuais são grandes facilitadores em diversos momentos. E os prefiro mil vezes do que a televisão e propagandas de carros, bancos, cervejas, celulares, eletrodomésticos, compre isso, compre aquilo, tenha isso, tenha aquilo, seja bem-sucedido, ganhe na loteria, compre o mais novo aparelho de barbear de 9 lâminas. Não é pra mim. Sou apenas um velho professor de literatura aposentado que dorme mal e tem dor nas costas. Minha geração não cresceu diante de tanta informação. A maioria, inútil. Absolutamente banal e irrelevante. A atual geração - talvez a última leva para qual dei aulas - é bombardeada por todos os cantos.

A tristeza não é que sejam alvos, mas sim que não saibam que são. *Ou*, o que é pior, que eles mesmos apontem as armas para suas próprias cabeças. O excesso de conteúdo não é por si só algo ruim - veja o caso dos grandes filósofos. O que massacra é o conteúdo tolo, deselegante, embrutecedor do espírito, que se pauta apenas em futilidade, no imediatismo do consumo e numa voz vociferante que anseia ter razão. Mas a razão talvez venha de Miller: "Nada se propõe que possa durar mais do que vinte e quatro horas. Estamos vivendo um milhão de vidas no espaço de uma geração." A clareza do artista muitas vezes se confunde com o prognóstico do cientista. A genialidade se manifesta precocemente - como vemos num Henry Miller de 1934.

Terminada a leitura dos jornais, fui até a biblioteca. Passei um tempo dedilhando as prateleiras em busca de algo ainda

inédito para mim, o que é sempre uma dificuldade. Hoje, o dia estava agradável, não tão quente como de costume. Um domingo anunciador do início da primavera e talvez por isso tenha sentido uma leveza que inspirou a leitura de poesia. Grandes poetas eu tive em minha mesa de trabalho por tantos anos. E como escolher? Com qual critério? Me coloquei diante da seção de livros de poesia, fechei os olhos e deixei a mão correr. Senti um livro de capa espessa, tamanho médio. Ao retirá-lo da prateleira, sorri como quem sorri ao ver o retorno de um filho depois de servir seu país em uma guerra distante e desmedida.

Uma pequena coletânea de poesia argentina: Borges, Aldo Pellegrini, Pizarnik, entre outros. Aquele livro de capa vermelha fez meu dia. Li prazerosamente, me deliciando com cada verso, cada estrofe. Não frequentava os mestres argentinos há algum tempo. Fiz minhas anotações. Como um antigo professor de literatura grega nos dizia: “Ao ler, escreva”. Deixei as horas da tarde correrem e, quando percebi, eu mesmo havia escrito dois poemas. Amanhã vou revisá-los e talvez coloque-os aqui no diário, pois são curtos.

No mais, foi um domingo agradável. Fui até o jardim dos fundos, sentei-me no banco perto da porta e fumei um pouco de tabaco. Tabaco novo. A grama e as flores estavam vivas, com cores sólidas. No canto do jardim, no encontro dos muros, notei uma pequena flor azul, de um azul vivo, destoante. Era única, não havia mais nenhuma. Apenas ela, uma única flor azul no meio de outros tons. Fiquei impressionado comigo mesmo por nunca ter notado aquela flor - ou, o que é possível, ela seja uma nova natureza por ali. A vida sempre se renova. Decidi que nos próximos dias vou cuidar melhor do jardim, dar maior atenção ao seus cuidados. Talvez substituir alguns vasos seja bom,

rachaduras já se encontram em algumas cerâmicas. Comprar um pouco de adubo, colocar estacas. Todas as vidas merecem atenção, especialmente aquelas que não podem fazer muito por si mesmas. Ao final da tarde, senti uma brisa fresca, voltei pra dentro e fui até a cozinha buscar algo pra comer e encontrar minha velha que, certamente, estaria visitando o mundo inteiro pelo tablet.

Ao terminar de escrever estas palavras, pretendo deitar na cama e ainda assistir algo na televisão. Ao menos, o que é mais certo, tentar dormir. É bom reiterar que devo marcar a consulta ainda essa semana. Minha velha já está deitada, reclamando para eu deixar o caderno de lado e me juntar a ela na cama, pois está tarde - ela sabe melhor do que eu sobre quase tudo. Acho graça que ela ainda me pergunte até hoje, passados tantos anos, como ainda tenho disposição para escrever o diário todos os dias. É costume, digo sempre. Porém, no fundo, eu sei que escrevo por motivo maior, por motivo de vida, por motivo de fôlego. Minha identidade são as letras e com elas sou amante, com elas me transporto, frequento todos os lugares, falo com tantas bocas, vejo tantas cenas. Com elas tenho vivido e com elas quero viver. E se eu puder carregar algo ainda, que sejam as letras - e não a idade.

João Ricardo Salles

escritor de contos e poesias com especial interesse em buscar algo profundo no interior do banal.

Metamorfose matinal

Segunda-feira e eu acordava, como sempre, esvaído de qualquer vontade de me levantar da cama. Era tão aconchegante, libertador e me inspirava ao ato de ficar mais por ali, desnudo e com apenas a preguiça em meu corpo. Apesar de não gostar muito de me levantar (em qualquer questão de minha vida), mas era aquilo que chamam de necessário.

Me dispus a colocar os pés no chão gelado de meu quarto. A madeira era gélida, mas gradualmente ia se transformando em algo ainda pior: o porcelanato glacial do banheiro! Que dor era aquela, meus amigos! E como eu odiava aquele maldito!

Cada pé e cada movimento eram doloridos e desgastantes, nada me fazia mais infeliz por aquela manhã. Sinceramente, não esperava nada de meu dia, a não ser ficar parado em meu apartamento em mais uma cansativa rotina da quarentena. Estava nulo de toda forma. Quantos problemas esse autor idiota tem, sendo que ele possui um apartamento, ou melhor, UM BANHEIRO!

Mas, enfim, saindo dos meus "**super problemas**", prossigamos para o que é realmente importante: o tema dessa escrita inconsequente.

Ficar nulo, para mim, é a pior das coisas, não como aquele ditado tosco que os velhos tanto falam por aí: "**mente vazia, oficina do diabo**", não, não era nada disso, a nulidade era, na verdade, uma mente carregada de coisas, desejos, inseguranças, lamúrias e divagações sobre as coisas vastas e as minúsculas; era como uma ilha que um navegante sempre esteve olhando no horizonte marítimo, imaginando suas riquezas e significados, mas que nunca a explorou, por medo de ser real ou falso demais para se pisar.

Temer miragens na vida é uma boa medida para se começar o dia.

Banheiro, aqui estou eu!

Não gostaria de estar aqui, mas fazer o que.

Olho para o espelho como quem cumprimenta um colega que não vai com a cara e sinto o peso de minhas olheiras caídas até a bochecha, pois já são mais de dez ou talvez vinte e uma noites sem sono nas madrugadas. Já perdi as contas.

Passo elas como posso, da mesma maneira que passava nos bares da noite por aí, bebendo e pensando muito. Apesar de tudo, acho que se o mundo não fosse da maneira que é, eu seria mais saudável, com certeza beberia pouco e talvez não o deplorável whisky barato de sempre, mas sim um bom vinho com uma linda mulher ao meu lado.

Ai, ai, Quem estou enganado?

Ah! Sim, eu mesmo, mas enfim.

Não custa sonhar com a perfeição, mas Platão, aquele louco da Grécia, já dizia: o mundo das ideias é absoluto, atemporal e com as formas mais belas e originais; nós, aqui no mundo, somos apenas cópias dotadas da imperfeição, reproduzindo e manifestando todas elas no real; nossas artes, cinema e poesia, todas elas distorcidas, nossas ações passionais e impulsivas, naquela velha medida freudiana, são apenas dissimulação do real sentido das coisas.

Mas não são as coisas imperfeitas que, muitas vezes, nos tornam mais humanos, pois temos a permissão da imperfeição para nossos erros e lamentos sobre a vida e a realidade, além de que quantas artes já não foram criadas e distorcidas para novas coisas? Afinal, não é essa a mágica das nossas vidas, mudar?

Somos mais coesos, mais corretos com nós mesmo, todos nós, imperfeitos e identificados com a loucura do dia-dia. Portanto, sim, Platão, você era um homem bem louco...

Me peguei, também durante a estadia no meu querido banheiro, pensando naquela típica insônia chata, aquela que me pesa nas costas, nos olhos e nas minhas palavras que tento escrever em meus ensaios noturnos. Limpo o rosto enquanto penso em qualquer coisa.

Percebi que me sinto pouco atualizado da realidade a cada dia que passa, por mais que a vida não pare, mesmo que a gente queira uma pausa. Às vezes, me sinto como Gregor Samsa, que acordou um dia metamorfoseado em um grande inseto gigante, não entendendo seu próprio corpo, desde suas mãos convertidas em fileiras de patas, até seu corpo todo segmentado, dividido em várias partes bizarras, cada qual mais estranha que a outra. Afinal, não é assim que nos sentimos em meio à grandiosidade

do mundo, como insetos? Não é assim que me senti olhando para o espelho do banheiro?

O mundo com todo seu pandemônio de compras e consumos, com todas as fumaças saídas das fábricas e dos tantos carros que vemos pelas ruas, que cobrem as calçadas por onde todos andam em todos os dias nas cidades. Será que há algo mais estranho do que se tocar que, das tantas mais de mil pessoas que você tem em uma rede social, você se pega conversando com apenas três ou duas ou talvez com aquele mesmo grupo de moços e moças que você conviveu por anos e anos da sua existência.

E o trabalho, nossa, O TRABALHO! Aquilo que nos faz parecer formiguinhas, construindo algo maior do que nós, sem nem ao menos perceber aquelas coisas que o velho Karl sempre dizia; ao mesmo tempo que ligamos o automático para guardar algum alimento para manter o ritmo para mais tarde, prosseguirmos de novo e de novo, fazendo isso dia após dia, ano após ano.

Será que, então, não fomos de humanos para insetos como em um piscar de olhos?

São perguntas e apenas isso, afinal, ao menos somos livres para perguntar coisas, principalmente a nós mesmos. E outra, estou apenas limpando meu rosto, não preciso me desgastar pensando à toa em meu Ser no meio do sentimento oceânico global sobre a mediocridade da vida.

Mas, mesmo assim, não terminei de me limpar, portanto vou me ater ao pensar, ao menos por mais dois ou três minutinhos... paciência...

Dentre as minhas paciências, me sobram as perguntas mais primordiais da humanidade para resolver em cima da pia. São coisas como: quem somos? Para onde vamos?

São perguntas que nos cercam desde a antiga Grécia, com seus quase desnudos filósofos, e muito antes de Sócrates pegar sua sandália e se perguntar o que era aquilo (novamente, outro doido).

Como nós conseguimos nos transformar no que somos hoje? Como que cada qual no seu caso se desenvolveu e se tornou quem é na atualidade? Aposto que não sou só eu com uma crise interminável de identidade e uma diária sede por saber o que vou ser no futuro. Toda neblina que nos cobre a fronteira para além do presente é um verdadeiro saco! Ora, eu só queria pedir uma informação para o amanhã e nada mais do que isso...

Após desgraçar a cabeça com mais uma reflexão pobre sobre alguma bobagem matinal, traçando paralelos e fazendo tantos esquemas de pensamento contínuo, me fiz limpar os dentes com a pasta, pois, claro, higiene em primeiro lugar!

Escovei, escovei e escovei de novo, só parei quando senti o brilhar reluzente da limpeza que aparecera em meus dentes, alguns sempre tortinhos como de costume; nunca liguei para um bom aparelho dental e peço desculpa aos dentistas, mas gosto deles assim, imperfeitos como sou.

Dei a descarga na privada para sair toda impureza que contaminava meu corpo e minhas entranhas.

Aposto que você fez cara de nojo, mas não ligo, pois você também tem várias privadas em casa, não é mesmo, leitor?

O incômodo que sente com aquilo que é considerada palavra forte é engraçado: ENTRANHA, impureza nem tanto, mas ENTRANHA incomoda, pois lhe faz imaginar algo sujo e/ou violento. Mas acalme-se, isso é normal, só te faz mais humano se sentir incomodado com as coisas do cotidiano...

Vou parar de falar besteiras, para não lhe cansar...

Saio do banheiro e encontro meu chinelo em meio aos meus livros no chão, não tenho estante; estava perdido faz algumas dezenas de dias, achei que já havia parado em outro mundo ou que, na verdade, ele nunca existira, visto que não me lembrava da última vez que o usei para andar pelos chãos de casa. Coloquei-o em meus pés, ainda com dúvida de sua existência; não iria perder ou ganhar tempo estudando a lógica, a forma e a matéria do chinelo, pois um calçado, qualquer que seja, é para ser usado e não pensado, afinal os chinelos são somente produtos e nós apenas consumidores, certo?

Abro a porta de minha cripta, mas não antes de deixar a janela aberta para circular o ar em meu quarto e para que ele se livre, aos poucos, das indagações e energias que eu sempre deixo em todo lugar por onde deito, toco e passo. Pobrezinho do meu quarto, me aguenta todos os dias e não reclama, só me grita quando precisa de um pano ou algo do tipo, mas isso eu já faço toda semana, é de praste que eu limpe, alguma hora, as bagunças que faço. Com grande frequência, aliás.

Uma pena que arrumar o quarto é tão mais fácil do que arrumar a cabeça, sempre fazendo tanta questão de ser uma pocilga desarrumada, uma genuína tristeza.

Bem, após me deslocar subitamente pelo meio da sala, de chinelinho no pé e sem vergonha na cara, me distanciando e esquecendo cada vez mais da noite e do que passei no cômodo que falara no último parágrafo, chego à cozinha, onde frito uns ovos e espero a máquina preparar um café poderoso para me levantar a carcaça moída. Sento à mesa e olho para algumas notícias em meu celular.

Não há um conjunto de minutos mais desconfortáveis do que o da espera pelo café nosso de cada dia. Talvez seja pelo fato de que esse é o tempo em que eu, pelo menos, me ligo novamente com a realidade dos fatos, da qual às vezes eu tanto gosto de fugir.

Olho e contemplando as notícias, vejo: caos, cagões, mentirosos e o fascismo diário de todo dia da nossa triste República rastaquera; o presidente é sempre burro, mas, de uns tempos pra cá, tem brincado de assassinar pessoas e "tals". São cada vez mais e mais piadas, todas iguais nas coletivas, todas elas ausentes de tom e graça.

Os congressistas todos gordinhos de dinheiro, alheios ao descaso e estupidez voraz nos olhos; olham uns para os outros enquanto discursam em seus microfones uma linda nota de repúdio nova, para acabar de vez com o genocídio. Grandes! Grandes homens mesmo! Se coragem valesse nota, eles estariam no maternal ainda hoje, enchendo o saco das crianças... pobres crianças... não merecem isso.

Ficou pronto! O café, no caso.

Pois eu nunca estou lá tão preparado, é sempre tanta surpresa nos dias, mesmo nulos e às vezes vazios de sensação.

Me surpreendem com compromissos, coisas e mais coisas pra fazer. Coisas estas que eu nem sabia que tinha de fazer logo.

Uau! Eu tenho que produzir e produzir, repetir e repetir, escrever e escrever para ver se alguma hora é bom o suficiente para ser visto. Às vezes, bebo meu café pensando ser óleo para irrigar minhas peças e me fazer funcionar como nunca!

Não me perdi de vista (ainda). Sou homem e apenas homem, nem queria ser máquina, pois da máquina deriva perfeição,

resultados rápidos e movimentos ágeis, todos extremamente calculados. Já eu penso, faço o possível, às vezes o bem e às vezes bem medíocre também, sendo bem franco contigo.

Eu sou de carne e consigo suportar a nulidade, odeio ordens, mas sei quando as seguir; adoro uma ordem na vida, mas sei que não vou tê-la em todos os dias para me guiar e quase sempre não as cumpro como prometi pelas manhãs.

O que me basta é ter prudência e paciência, curtir a nula vivência de um bom dia trancado no apartamento, onde eu posso e não posso tudo, mas não faço nada, apenas escrevo coisas para me distrair a cabeça.

Mas, ao final, fica a pergunta: apesar de tudo, o que sou no final das contas?

Bem, isso é de difícil resposta e sempre será, mas que bom que não sou máquina, apenas, demasiadamente, humano como Friedrich bigodudo dizia, e, portanto, não sei dizer quem sou ou o que faço direito, mas imagino que deva ser algo como aquilo que Raul cantou como "**Metamorfose ambulante**", sendo muito além de qualquer pergunta, e muito aquém de qualquer resposta...

Gabriel Affonso

estudante de Direito amante incorrigível das artes em geral.

Metamorfose matinal é sobre tudo o que mais se relaciona com a nossa contemporaneidade e nosso atual Ser em metamorfose: a dúvida.

Face a face

Me chamo Moacir. Tenho sessenta e um anos de idade. Quando era menino, eu nadava no rio, jogava bola na rua e olhava as estrelas.

Lembro de um dia em particular. Toda a vizinhança se reuniu para um jogo. Eu era zagueiro, mas sempre quis mesmo era fazer gol. Estávamos empatados dois a dois e estava quase na hora de acabar a partida. Tirei a bola do Abelha, atacante do outro time. Em vez de passar a bola, decidi correr eu mesmo pro gol. Driblei o volante, o lateral, o zagueiro, fiquei cara a cara com o gol e chutei. Fechei os olhos e só abri ao ouvir meu time me xingando. Errei o gol. Depois daquele jogo, até tentei jogar de novo e joguei bastante, mas nunca teve a mesma graça.

Hoje, eu moro em outra cidade, sem rio sem nada. Nas ruas, só passam carros e o céu de noite é escuro, sem estrelas, enquanto a cidade é clara. Ainda assisto futebol sempre que passa. Trabalho de manhã até de noite. Às vezes, tomo uma cerveja e às vezes, uma cachaça.

Comecei a trabalhar aos doze anos entregando leite. Aos dezesseis, trabalhei de ajudante na sapataria do vizinho, aprendi muito. Depois, trabalhei numa fabriqueta de tintas até meus dezesseis anos. Passei pruma siderúrgica, juntei dinheiro e abri uma sapataria minha. Sou sapateiro até hoje.

Nunca me casei. Conheci não apenas um, mas vários amores. Cada um deles foi verdadeiro. Ana, Beatriz, Bianca, Raquel... Amei. Mas nunca casei. E cada amor desapareceu da vida como as estrelas desapareceram do céu. Só existem na memória.

Num domingo, fui andar de manhã pela feira do centro, comer um pastel, tomar um café. Passou ao meu lado uma antiga cliente com a filha. Parecia bem de vida: roupa chique, bolsa chique, até a filha parecia bem arrumada prum passeio na feira do centro. Cumprimento ela. Ela sorri um sorriso desconfortável e devolve o bom dia. Ouço a filha perguntando à mãe quem eu era. Ela responde que não sabia.

Comendo meu pastel, eu paro pra pensar a respeito. A senhora não deve ter ido à minha sapataria apenas uma, duas, nem mesmo três vezes, mas foi cliente por pelo menos sete anos antes de parar de ir. Não a culpo por não se lembrar de meu rosto. Eu envelheci, ganhei rugas e perdi cabelo. Mas também não me culpo por me sentir triste.

Mais tarde naquele dia, após o clássico paulista na tevê, meia garrafa de cachaça e um maço de cigarro, vou ao banheiro antes de dormir. Olho no espelho enquanto mijo e lembro da garotinha perguntando quem eu era. No espelho, vejo apenas um velho bêbado decadente. Careca, de dentes amarelos e de expressão estranha a mim mesmo. Eu lembrei do garoto que perdeu aquele gol muitos anos atrás. Ele me reconheceria? Penso em quem eu

sou e não acho resposta alguma que me agrade. Tomo mais um gole de pinga antes de dormir.

Dia seguinte é segunda-feira e o trabalho tem a companhia de uma forte dor de cabeça. O dia puxado e a exaustão da ressaca me levam a dormir cedo aquela noite. Mais uma vez, vou ao banheiro antes de dormir, dessa vez pra escovar os dentes. Olho novamente no espelho. Vejo o mesmo velho com os mesmos dentes e a mesma feição. Reconheço-o como a mim, mas ainda não gosto do que vejo. Pra além dele, eu vejo a tristeza de seu passado. Vejo cada gol e cada oportunidade perdidos, cada momento de derrota e cada desistência. Sozinho, choro como um garoto antes de dormir, abraçado aos meus próprios joelhos.

Mais um dia de trabalho pela manhã, um almoço rápido e mais trabalho. Uma janta tranquila e uma novela pra desestressar. Novamente, banheiro e espelho antes de dormir. Dessa vez, vi um sorriso na boca do velho. Em *minha* boca. Lembrei da cena da novela, nas paisagens do Rio. Quando era criança, sonhava em conhecer a Cidade Maravilhosa. O dinheiro, o trabalho e a vida nunca me deixaram ir. Com mais de sessenta na vida e menos de trinta pila no fim do mês, dificilmente iria algum dia pra lá. Olho de novo pro espelho e vejo um sujeito pobre.

Quarta vem. Novamente, trabalho. À noite, já foi quase que natural me olhar no espelho e pensar, como se algo fosse cair do céu. Acendi um cigarro e lembrei. Lembrei de todo mundo que já amei. Lembrei do dia em que beijei pela primeira vez, ainda tímido e nervoso, e ela me fazendo jurar que não contaria pra ninguém; do dia em que transei pela primeira vez, no armário de despensa da loja dos pais de Carla; lembrei de quando a Ana me perguntou se eu pretendia pedi-la em casamento algum dia, e eu disse não. Não só dela, lembrei de meu pai e de minha mãe,

mortos. Lembrei dos meus amigos, que nem sei mais onde estão na vida. Por fim, lembrei que estava só. Fui pra cama querendo abraçar alguém, ser abraçado. Peguei no sono abraçando meu travesseiro numa solitude que não sentia há tempos.

Outro e mais outro dia se passa: trabalho, um cigarro, mais trabalho, almoço, trabalho entre cigarros, clientes, futebol e espelho. Mais da mesma pessoa, cada dia um olhar diferente. Cada dia um olhar amargo. Foi com aquele gol perdido que tudo mudou? Quando a vida se tornou isso? Trabalho, cigarro, espelho, trabalho, cerveja, espelho, trabalho, espelho, trabalho, espelho. Trabalho. Espelho. Cada dia o mesmo trabalho. Cada dia a mesma visão. Cada dia penso diferente sobre a mesma coisa. Vejo diferente a mesma tristeza. E por que continuo?

Torna-se cada dia mais difícil levantar da cama. Mas trabalho ainda que cansado, pois cansa mais não ter o que comer. Trabalhar em algo e ser invisível... Antes, as pessoas paravam e conversavam. Os clientes eram como amigos. Hoje, cada um tem um lugar pra ir e pouco dizem mais que um bom dia - isso quando falam o bom dia.

E, numa manhã cinzenta de uma quinta qualquer, acordo pra ir pro trabalho. Choveu de madrugada. O asfalto ainda tá molhado e têm poças na calçada. Vou acender um cigarro, um carro passa buzinando, com pressa. Me assusto e deixo cair o isqueiro.

Quando vou pegá-lo, vejo dezenas de minúsculas formigas numa batalha implacável contra uma lagarta qualquer. Eu não sou biólogo, mas sabia que apesar da lagarta ser inúmeras vezes maior que uma mera formiga, ela não tinha chance contra as pequenas. Elas eram muitas, trabalham juntas e conseguem o que querem. A lagarta lutou, as formigas lutaram, e o campo de batalha

foi monstruoso: antenas quebradas e patinhas dilaceradas. Mas, no fim, as formigas saíram vitoriosas.

Abri a sapataria. Veio um cliente antigo e um novo. Com o antigo, conversei um pouco. O filho dele acabara de se formar em medicina numa universidade federal, o primeiro da família com diploma. Dei os parabéns com sinceridade, lembro do garoto acompanhando ora a mãe ora o pai, trazendo suas chuteiras quando era criança. O cliente novo não conversou, mas foi educado. O tempo passa, nem muito rápido nem muito devagar, mas, minuto por minuto, passa.

Chego em casa, preparo uma janta. Arroz novo, feijão do almoço, um ovo frito e um bife. Como, acendo um cigarro, abro uma cerveja e ligo a tevê. Assisto o jogo. Santos ganha de dois a zero. Entre cervejas e tevê, dormi no sofá.

No dia seguinte, acordei bem. Tomei um banho, troquei de roupa, escovei os dentes e olhei para o espelho. Dessa vez, vi tudo de uma vez: a tristeza, as decepções e as derrotas. Mas, no meio, também algumas vitórias: muitas felicidades e algumas conquistas, vários amores e casos, beijos e abraços, muitos sorrisos. A vida pra mim teve mais amargura que tudo. Mesmo assim, eu continuei levantando, não? Lutei cada dia e cada dia levantei. Fui pobre desde o dia em que nasci, mesmo assim continuei trabalhando. Lutei pra trabalhar e pra pagar as contas no fim de cada mês. Sou filho de minha dor e luto todos os dias pra poder sorrir. Luto todas as noites pra não chorar. Não é sempre que ganho, mas nunca deixo de lutar.

E é assim que tem que ser. Quem não tem nada, luta pra ter; enquanto quem tem luta pra continuar tendo. Quem chora, luta pra poder sorrir; quem já sorri, luta pra sorrir pra sempre. Eu

sempre lutei sem saber pelo que lutava. Agora eu sei. Luto pra vencer.

Dessa vez, quando olhei para o espelho, eu entendi quem sou. Para além de meu nome, minha sapataria e meu passado, sou um lutador. A cada dia que luto, continuo sendo eu. Continuo *sendo*.

Fernão Galvão

estudante, escritor habitual de contos e poemas, iniciante em um romance.

Dispa-se ao espelho de Guimarães

O conto *O Espelho*, de Guimarães Rosa, é daqueles que possuem o poder de mudar uma vida, de alterar a maneira como os bem-aventurados leitores com quem cruza pensarão sua própria identidade, de transformar uma ação corriqueira como olhar-se no espelho num exercício existencial profundo. Mas eu já estou falando demais. Se você ainda não o leu, é melhor que corra atrás de uma edição de *Primeiras Estórias* - livro de contos de Guimarães onde *O Espelho* encontra-se exatamente no meio - ou procure pelo texto na Internet e o leia antes de prosseguir.

Pronto. Bem melhor agora. Eu não me perdoaria por estragar a sua experiência contaminando-a com a minha. Talvez você ainda esteja atordoado com a leitura, pensando em repeti-la para ver o que mais pode tirar dali. Eu já o fiz diversas vezes e até hoje sofro um baque com cada releitura. Sabe aquelas balinhas que comíamos quando crianças e acendiam uma porção de microexplosões em nossas bocas? Ler esse conto é como se um

punhado dessas balinhas caísse em nossas mentes. Os neurônios começam a explodir descontroladamente com questionamentos que não apenas parecem impossíveis de se responder, mas também incomodam, trazem uma coceirinha chata daquelas que não passam de jeito nenhum. Quem eu sou? Nada? Uma luzinha? Eu sequer cheguei a existir?

O narrador logo lança a carta da inconstância; o tempo é tão traiçoeiro que não conseguimos sustentar nossa imagem nem por frações de instantes; nosso próprio rosto movimenta-se incessantemente, e capturá-lo em sua pureza mostra-se uma ingrata tarefa. Com exceção dos olhos, nada para de mudar. Como encontrar, portanto, uma posição de neutralidade? São afetos que, como o próprio nome já diz, nos afetam a todo momento. Mas como seríamos, ou quem seríamos, quando cessam os afetos?

Se existe qualquer coisa parecido com um cessar de afetos, eu ainda não o experimentei. Isso não me impede de conjecturar a situação e investigar como me portaria em tão improvável condição. A busca empreendida pelo narrador encapsula, de certa forma, essa investigação.

O susto e a repugnância pela própria imagem - reflexo improvável, visto em espelhos desalinhados - são o que o movem numa jornada que eu diria aterrorizante, procurando o seu "***eu por detrás de mim***". Aterrorizante porque incerta e passa, entre outros percalços, pela absoluta escuridão.

Ela começa nos apresentando nossos próprios preconceitos; se não tomarmos muito cuidado, o que encontramos no espelho não é nada de novo, é apenas aquilo que já esperamos ver, uma confirmação das nossas expectativas e crenças sobre a nossa imagem. Essa é, também, a primeira barreira a ser superada para prosseguir a viagem; é preciso despir-se da vaidade para

atravessá-la. Não se trata de uma tarefa simples; passada essa barreira, veremos o que aparece quando nos olhamos sem tentar confirmar o que já pensamos sobre nós, e talvez o que surja não seja das coisas mais bonitas de se ver; talvez seja algo horrendo.

Vêm, então, as máscaras. São muitas e se sobrepõem. É preciso tirá-las uma a uma e a tarefa não é simples; jogam-nos num labirinto cuja saída é a porta de outro e assim sucessivamente. Há uma face animal, outra hereditária e também a das paixões, das pressões e sugestões externas, dos interesses fugazes e tantas, incontáveis, outras. Superá-las envolve muita meditação para tecer os fios de Ariadne que nos guiarão labirinto afora.

Quando finalmente acabam os labirintos, sobra o nada, um vazio exasperante. Então tudo que eu sou é uma montanha de disfarces? Um acúmulo de aparências sem qualquer essência escondida nos bastidores?

O narrador viveu essa angústia por anos, até que pôde se enxergar no espelho novamente. De início, não era mais do que uma tremulante luzinha. Somente muito mais tarde ele começa a distinguir um rosto em seu reflexo; um rostinho infantil, menos-que-infantil. Era sua alma nascendo. As máscaras não apenas a sufocavam, mas a impediam de florescer. Retirando-as todas, abriu-se o espaço de que a alma precisava para germinar.

Finaliza-se, então, com uma pergunta, que o narrador insiste que seja respondida: "***você chegou a existir?***"

Jonathan Fenile

bacharel em estudos literários, escritor de contos, crônicas e ensaios.

Textando

UMA PROPOSTA DE EXERCÍCIO CRIATIVO
UM EXEMPLO
E UM COMENTÁRIO

ENVIE O SEU NO NOSSO DISCORD OU PELO
E-MAIL REVISTAALCATEIA@GMAIL.COM

Autobiograficção

•

Autobiografias ~~são~~ ~~tentam~~ deveriam ser relatos fiéis à realidade.

Memórias ~~são~~ ~~deveriam ser~~ nem sempre são relatos fiéis à realidade.

Eisold[1] afirma que a memória não é confiável porque não só suprimimos memórias que podem ter impactos negativos na nossa autoestima, mas também porque, quando lembramos de algo, estamos, na verdade, reescrevendo essa memória, reconstruindo-a a partir de traços de informação que ficaram gravados em nossos cérebros. Uma das coisas importantes de se notar aqui é: temos traços, pedaços de informação, não um relato completo, coeso e fiel guardado em nossas mentes.

Para a psicóloga e escritora Elisabeth Hanscombe,"**quando juntamos dois ou mais pedaços de informação, mesmo pedaços que não se relacionam, a mente humana tentará encontrar conexões entre eles, mesmo aquelas que não são óbvias**".[2] Vamos, então, criar conexões, racionalizações, novos pedaços de informação para juntar o que temos.

Calma, não há motivos para desespero. Isso não quer dizer que nada do que lembramos está certo, apenas que embelezamos e editamos nossas memórias sempre que as revisitamos. Também não quer dizer que o passado não é de importância para o que escrevemos - afinal, os traços de informação que temos de nossa memórias moldam o que escrevemos, planejamos, pensamos, criamos, somos. Nas palavras de Hanscombe, "**O passado informa o presente**."[3]

É esse o ponto de partida para o exercício criativo que temos para te sugerir hoje.

Primeiro, escolha algo de seu passado - uma memória, um objeto, uma imagem, uma música, algo que tenha significado emocional e com o qual você se sinta confortável. Crie a partir disso. Pode ser um texto em prosa, um poema, uma imagem, uma escultura... Deixe que aquilo que você sentiu e sente com relação à situação se misturem e deem vida a algo novo.

Uma coisa importante a manter em mente é: o que você vai criar não será uma memória mais apurada, uma explicação concreta do que você vivenciou. Não tenha a atitude de um historiador. Você pode, inclusive, alterar conscientemente o que quiser nessa nova obra - não há qualquer obrigação de se manter fiel ao passado. Deixe sua atenção flutuar, as sensações virem e as traduza em algo novo.

Uma boa forma de fazer isso é evitar se incluir diretamente em sua obra. No caso de um desenho, por exemplo, tente representar as formas humanas como diferentes de você, se possível. Se desejar escrever uma carta a alguém, imagine um personagem escrevendo para outro.

Esta é uma proposta de reapropriação e de soltura. É uma proposta que visa buscar inspiração e traços que podem ser recombinados, reinventados, ignorados, selecionados, descartados...

Se o passado informa o presente, o que somos agora também alimenta nossas memórias do passado. Que tal, então, deixar o você de agora brincar um pouco com essas memórias?

[1] EISOLD, Ken. Unreliable Memory: why memory's unreliable, and what we can do about it. Psychology Today. Sussex Publishers, 2012. Disponível em: https://www.psychologytoday.com/intl/blog/hidden-motives/201203/unreliable-memory. Acesso em: 1 mai 2020.

[2] HANSCOMBE, Elisabeth. Traces of Memory. Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/23072606/Traces_of_Memory. Acesso em 1 mai 2020. p. 5-6.

[3] Idem. p. 12.

Em frente à televisão

•

“Filho, você é gay?”

Lucas desviou a atenção, mas não o olhar, da tevê.

“Sou.”

Com tantos anos nas costas, seria de se imaginar que ele já teria saído do armário para a família, mas por algum motivo ele nunca tinha aberto o jogo.

“Ah,” respondeu sua mãe.

Muitas famílias conversavam durante os almoços de domingo. A nossa conversava durante os episódios de American Idol. Não durante as apresentações dos candidatos, claro, mas durante aquelas partes mais chatas em que ficavam tentando transformar suas histórias em algo mais interessante do que era.

Passaram-se quase vinte minutos antes de a conversa continuar.

“E como é?”

Bem na hora em que o candidato desafinado ia começar a brigar com os juízes...

“Como é o que?”

“Ah, sabe... você é o menino ou a menina?”

“Se algum de nós fosse a menina, não ia ser uma boa viadagem, né, mãe?”

Ela parecia ter se chateado com a repreensão. Ele respirou fundo. Não sabia por que estava tão na defensiva.

“E você tem namorado?”

“Então... eu não estou com ninguém no momento. Queria.”

“E o Joaquim?”

“A gente é só amigo, mãe.”

“E ele sabe?”

O Joaquim tinha surtado bastante quando viu Lucas se pegando com um outro cara no aniversário da Marta.

“Sabe. Não gostou muito no começo, não.”

Ela riu. Seu riso era muito gostoso de ouvir.

“Fala pra ele que se brigar com você, eu brigo com ele.”

Ele riu também.

“Acho que já estou meio velhinho pra você comprar minhas brigas, mãe.”

Mordeu os lábios. Uma menina cantava de forma belíssima e os juízes se olhavam com sorrisos no rosto. Decidiu que até ela terminar ele tomaria coragem.

“Mãe...”

“Hm?”

“Tudo bem?”

“Tudo bem o que?”

“Eu ser gay...”

Ela se levantou e o abraçou, beijando o topo da sua cabeça.

“Enquanto você for feliz, eu vou estar feliz por você, filho.”

Muitos anos tinham se passado, tanta coisa já tinha mudado. American Idol já nem passava mais.

“Lucas?”

“Hm?”

“A Júlia me beijou.”

Ele desviou o olhar e a atenção da tevê.

“E aí, mãe? Você gostou?” perguntou, entusiasmado.

“VOCÊ NÃO TÁ BRAVO?!”

Se encararam em confusão.

“Por que eu ficaria bravo?”

“Não sei. Eu tava com tanto medo de vocês ficarem bravos... mas eu tô tão feliz... gosto tanto dela...”

“Ô, mãe... eu não tenho motivo nenhum pra ficar bravo. Tô feliz por te ver bem assim.”

Se levantou do sofá, foi até ela e a abraçou apertado, deu um beijo na bochecha.

“Ai, que bom...”

Terminou o episódio de Criminal Minds. Lucas pensava no que ia fazer de jantar.

“Eu nunca pensei que depois de velha eu fosse virar lésbica.”

O rapaz caiu na gargalhada.

“O que? Eu falei alguma coisa errada? Não é isso?”

Pediram uma pizza e, enquanto esperavam, desligaram a tevê e conversaram sobre suas expectativas, identidades e afins, olhando um para o outro pela primeira vez em muito tempo.

Escrever esse texto foi mais divertido do que eu esperava. Parti de memórias de algumas conversas que tive com minha mãe no sofá de casa e tenho certeza de que juntei coisas que não aconteceram no mesmo dia. Pensei nos programas que costumávamos ver juntos e escolhi dois para usar, mas tenho certeza de que não eram os que estávamos vendo nas vezes em que conversamos. Escrevi no Dia das Mães e, como sinto muita saudade dela, acho que estava na minha cabeça. O que tenho como memórias mais fortes e que usei de inspiração principal são as perguntas que minha mãe já me fez - sempre em frente à televisão, sempre enquanto não havia silêncio para ser quebrado.

Claus Corbett

Licença Pública Creative Commons Atribuição--Sem Derivações 4.0 Internacional

Ao exercer os Direitos Licenciados (definidos abaixo), Você aceita e concorda estar sujeito aos termos e condições desta Licença Pública Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional ("Licença Pública"). Na medida em que esta Licença Pública possa ser interpretada como um contrato, Você recebe os Direitos Licenciados em contrapartida pela Sua aceitação destes termos e condições, e o Licenciante concede-Lhe tais direitos em contrapartida pelos benefícios que o Licenciante recebe por disponibilizar o Material Licenciado sob estes termos e condições.

Cláusula 1 – Definições.

1. Material Adaptado significa material sujeito a Direito de Autor e Direitos Similares que é derivado de ou baseado no Material Licenciado e no qual o Material Licenciado é traduzido, alterado, arranjado, transformado, ou de outra forma modificado de uma maneira que requeira permissão com base no Direito de Autor e Direitos Similares detidos pelo Licenciante. Para os fins desta Licença Pública, quando o Material Licenciado seja uma obra musical, performance, ou fonograma, é sempre produzido Material Adaptado quando o Material Licenciado é sincronizado em relação temporal com uma imagem em movimento.

2. Direito de Autor e Direitos Similares significa direito de autor e/ou direitos similares estreitamente relacionados com o direito de autor, incluindo, mas não se limitando a, direitos de execução, radiodifusão, fixação de sons, e Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados, independentemente de como sejam classificados ou categorizados. Para os fins desta Licença Pública, os direitos especificados na Cláusula 2(b)(1)-(2) não são Direito de Autor e Direitos Similares.

3. Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico significam aquelas medidas que, na ausência de direito para tanto, não podem ser contornadas em jurisdições cumprindo obrigações sob o Artigo 11 do Tratado da OMPI de Direito de Autor adotado em 20 de dezembro de 1996, e/ou acordos internacionais similares.

4. Exceções e Limitações significam utilização justa ("fair use"), tratamento justo ("fair dealing"), e/ou qualquer outra exceção ou limitação ao Direito de Autor e Direitos Similares que se aplique à Sua utilização do Material Licenciado.

5. Material Licenciado significa o trabalho artístico ou literário, base de dados, ou outro material ao qual o Licenciante aplicou esta Licença Pública.

6. Direitos Licenciados significam os direitos concedidos a Você sujeitos aos termos e condições desta Licença Pública, que são limitados a todos os Direitos de Autor e Direitos Similares que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado e que o Licenciante tem o direito de licenciar.

7. Licenciante significa o(s) indivíduo(s) ou entidade(s) concedendo direitos sob esta Licença Pública.

8. Compartilhar significa fornecer material ao público por qualquer meio ou processo que requeira permissão sob os Direitos Licenciados, como reprodução, exibição pública, execução pública, distribuição, disseminação, comunicação ou importação, e disponibilizar material ao público, incluindo por vias pelas quais os membros do público possam ter acesso ao material a partir de um local e no momento individualmente escolhidos por eles.

9. Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados significam outros direitos, que não o direito de autor e direitos conexos, resultantes da Diretiva 96/9/EC do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de Março de 1996 sobre a proteção legal de bases de dados, conforme emendada e/ou sucedida, bem como outros direitos essencialmente equivalentes em qualquer lugar do mundo.

10. Você significa o indivíduo ou entidade que exerce os Direitos Licenciados sob esta Licença Pública. **Lhe**, **Seu**, **Sua** e **Suas** têm um significado correspondente.

Cláusula 2 – Âmbito.

1. Concessão da licença.

1. De acordo com os termos e condições desta Licença Pública, o Licenciante concede-Lhe, pelo presente, uma licença mundial, isenta de royalties, não sublicenciável, não exclusiva, e irrevogável para exercer os Direitos Licenciados sobre o Material Licenciado para:

1. reproduzir e Compartilhar o Material Licenciado, no todo ou em parte; e

2. produzir e reproduzir, mas não Compartilhar, Material Adaptado.

2. Exceções e Limitações. Para evitar dúvidas, quando Exceções e Limitações sejam aplicáveis à Sua utilização, esta Licença Pública não se aplica, e Você não precisa de cumprir com os seus termos e condições.

3. Termo. O termo desta Licença Pública está especificado na Cláusula 6(a).

4. Meios/suportes e formatos; modificações técnicas permitidas. O Licenciante autoriza Você a exercer os Direitos Licenciados em todos os meios/suportes e formatos conhecidos agora ou criados posteriormente, e a fazer as modificações técnicas necessárias para tanto. O Licenciante cede e/ou concorda em não reivindicar nenhum direito que proíba Você de fazer modificações técnicas necessárias ao exercício dos Direitos Licenciados, incluindo modificações técnicas necessárias para contornar Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico. Para os fins desta Licença Pública, fazer simplesmente modificações autorizadas por esta Cláusula 2(a)(4) nunca produz Material Adaptado.

5. Receptores subsequentes.

1. Oferta pelo Licenciante – Material Licenciado. Cada receptor do Material Licenciado recebe automaticamente uma oferta do Licenciante para exercer os Direitos Licenciados sob os termos e condições desta Licença Pública.

2. Sem restrições subsequentes. Você não pode propor ou impor quaisquer termos ou condições, adicionais ou diferentes, ou aplicar quaisquer Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico, sobre o Material Licenciado, se tal restringir o exercício dos Direitos Licenciados por qualquer receptor do Material Licenciado.

6. Sem endosso. Nada nesta Licença Pública constitui ou pode ser entendido como uma permissão para afirmar ou sugerir que Você, ou que a Sua utilização do Material Licenciado, é conectado ao, patrocinado ou endossado pelo, ou tem status oficial concedido pelo, Licenciante ou terceiros designados para receber atribuição como previsto na Cláusula 3(a)(1)(A)(i).

2. Outros direitos

1. Direitos morais, como o direito à integridade, não são licenciados por esta Licença Pública, nem o são os direitos de imagem, privacidade, e/ou outros direitos de personalidade similares; contudo, na medida do possível, o Licenciante renuncia e/ou concorda não exercer quaisquer desses direitos detidos pelo Licenciante, na medida necessária para permitir que Você exerça os Direitos Licenciados, mas não de outra forma.

2. Direitos de patente e marcas não se encontram licenciados sob esta Licença Pública.

3. Na medida do possível, o Licenciante renuncia a qualquer direito de cobrar-Lhe royalties pelo exercício dos Direitos Licenciados, quer diretamente quer por meio de uma entidade de gestão coletiva, sob qualquer regime de licenciamento voluntário ou legal, disponível ou compulsório. Em todos os outros casos, o Licenciante reserva expressamente o direito de arrecadar tais royalties.

Cláusula 3 – Condições da Licença.

O Seu exercício dos Direitos Licenciados fica expressamente sujeito às condições seguintes.

1. Atribuição.

1. Se Você Compartilhar o Material Licenciado, Você deve:

1. manter o seguinte, se for fornecido pelo Licenciante com o Material Licenciado:

1. identificação do(s) criador(es) do Material Licenciado e quaisquer outros designados para receber atribuição, de qualquer forma razoável solicitada pelo Licenciante (incluindo por pseudónimo, se designado);

2. um aviso de direito de autor e direitos conexos;

3. um aviso que se refere a esta Licença Pública;

4. um aviso que se refere à exclusão de garantias;

5. um URI ou um hyperlink para o Material Licenciado na medida razoavelmente exequível;

2. indicar se Você modificou o Material Licenciado e manter uma indicação de quaisquer modificações prévias; e

3. indicar que o Material Licenciado é licenciado com esta Licença Pública, e incluir o texto de, ou o URI ou o hyperlink para, esta Licença Pública.

2. Para evitar dúvidas, Você não tem permissão sob esta Licença Pública para Compartilhar Material Adaptado.

3. Você pode satisfazer as condições da Cláusula 3(a)(1) de qualquer forma razoável, tendo em conta o suporte, os meios e o contexto no qual Você Compartilhar o Material Licenciado. Por exemplo, pode ser razoável satisfazer as condições por via do fornecimento de um URI ou de um hyperlink para um recurso que inclui a informação exigida.

4. Se solicitado pelo Licenciante, Você deve remover qualquer parte da informação exigida pela Cláusula 3(a)(1)(A) na medida razoavelmente exequível.

Cláusula 4 – Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados.

Quando os Direitos Licenciados incluam Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado:

Cláusula 4 – Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados.

Quando os Direitos Licenciados incluam Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado:

1. para evitar dúvidas, a Cláusula 2(a)(1) concede-Lhe o direito de extrair, reutilizar, reproduzir e Compartilhar a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados, desde que Você não Compartilhe Material Adaptado;

2. se Você incluir a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados numa base de dados em relação à qual Você tenha Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados, então a base de dados em relação à qual Você tenha Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados (mas não os seus conteúdos individuais) é Material Adaptado; e

3. Você deve cumprir com as condições da Cláusula 3(a) se Você Compartilhar a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados.

Para evitar dúvidas, esta Cláusula 4 suplementa e não substitui as Suas obrigações sob esta Licença Pública, quando os Direitos Licenciados incluam outro Direito de Autor e Direitos Similares.

Cláusula 5 – Exclusão de Garantias e Limitação de Responsabilidade.

1. Salvo se o Licenciante fizer separadamente uma assunção em sentido contrário, na medida do possível, o Licenciante disponibiliza o Material Licenciado "no estado em que se encontra" ("as-is") e "como disponível" ("as-available"), e não faz representações ou presta garantias de qualquer tipo relativamente ao Material Licenciado, quer sejam expressas, implícitas, legais ou outras. Isto inclui, mas não se limita a, garantias quanto à titularidade de direitos, potencial de comercialização, adequação a um fim específico, não violação de direitos, ausência de defeitos latentes ou outros defeitos, exatidão, ou existência ou ausência de erros, quer sejam ou não conhecidos ou detetáveis. Quando as exclusões de garantias não sejam permitidas, na íntegra ou em parte, esta exclusão poderá não aplicar-se a Você.

2. Na medida do possível, em nenhum caso será o Licenciante responsável para com Você, com base em nenhum argumento jurídico (incluindo, mas não se limitando a, negligência) ou a outro título, por quaisquer perdas, custos, despesas ou danos, diretos, especiais, indiretos, incidentais, consequenciais, punitivos, exemplares ou outros, resultantes desta Licença Pública ou da utilização do Material Licenciado, ainda que o Licenciante tenha sido advertido da possibilidade dessas perdas, custos, despesas ou danos. Quando a limitação de responsabilidade não seja permitida, na íntegra ou em parte, esta limitação poderá não aplicar-se a Você.

4. A exclusão de garantias e a limitação de responsabilidade acima previstas devem ser interpretadas de uma forma que, na medida do possível, mais se aproxime de uma absoluta exclusão de, e renúncia a, toda e qualquer responsabilidade.

Cláusula 6 – Termo e Cessação.

1. Esta Licença Pública aplica-se durante o termo do Direito de Autor e Direitos Similares aqui licenciados. No entanto, se Você não cumprir com esta Licença Pública, então os Seus direitos sob esta Licença Pública cessarão automaticamente.

2. Quando o Seu direito de utilizar o Material Licenciado tenha cessado nos termos da Cláusula 6(a), será restabelecido:

1. automaticamente a partir da data em que a violação seja sanada, desde que seja sanada dentro de 30 dias a contar da Sua descoberta da violação; ou

2. com o expresso restabelecimento pelo Licenciante.

3. Para evitar dúvidas, esta Cláusula 6(b) não afeta qualquer direito que o Licenciante possa ter de obter reparação e medidas legais cabíveis pelas Suas violações desta Licença Pública.

4. Para evitar dúvidas, o Licenciante também poderá disponibilizar o Material Licenciado sob termos ou condições separados ou parar a distribuição do Material Licenciado a qualquer momento; no entanto, tal não cessará esta Licença Pública.

5. As Cláusulas 1, 5, 6, 7, e 8 continuarão em vigor após a cessação desta Licença Pública.

Cláusula 7 – Outros Termos e Condições.

1. O Licenciante não estará vinculado a quaisquer termos ou condições, adicionais ou diferentes, comunicados por Você, salvo se expressamente acordado.

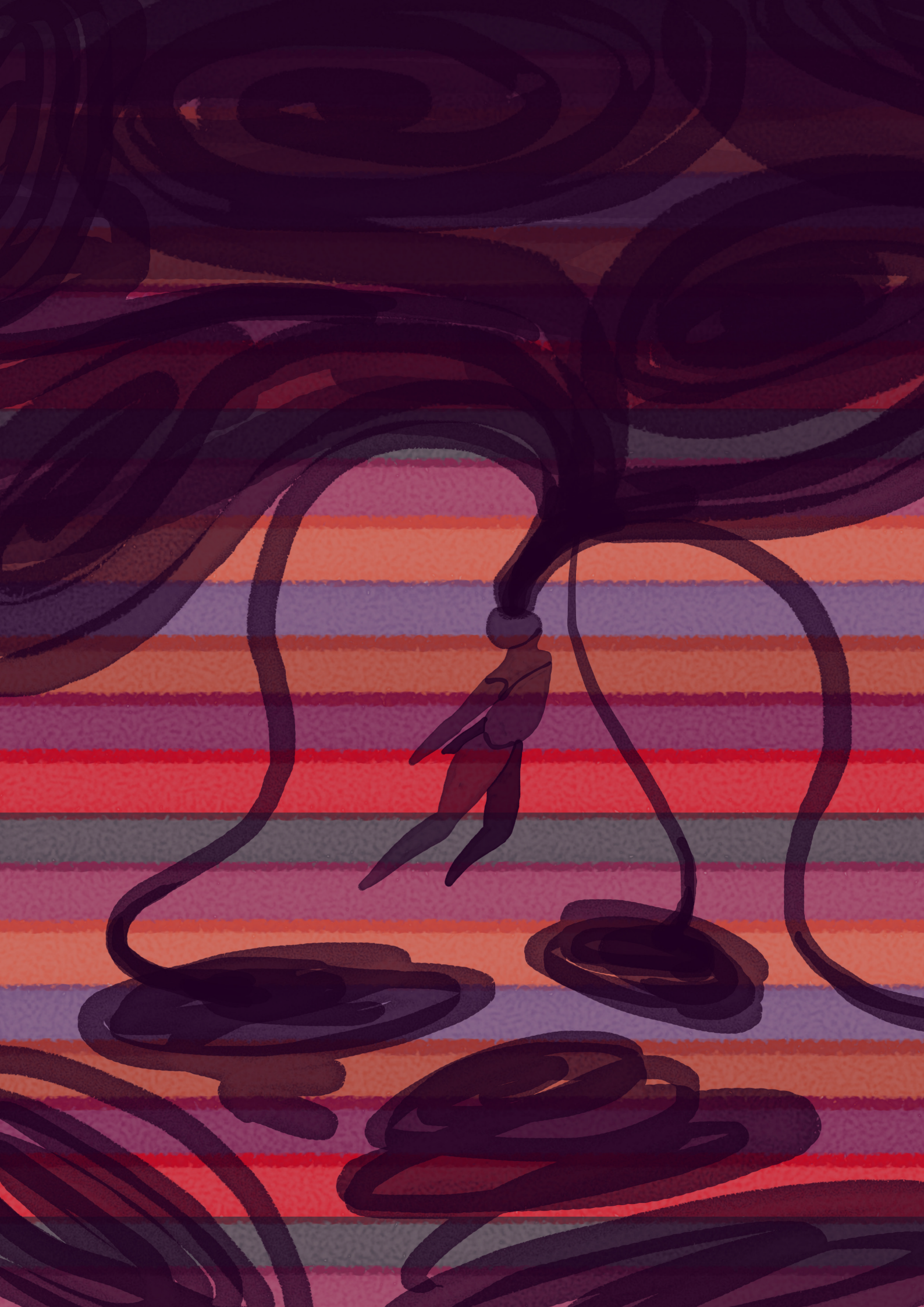
2. Quaisquer pactos, entendimentos ou acordos relativamente ao Material Licenciado não indicados aqui são separados e independentes dos termos e condições desta Licença Pública.

2. Quaisquer pactos, entendimentos ou acordos relativamente ao Material Licenciado não indicados aqui são separados e independentes dos termos e condições desta Licença Pública.

Cláusula 8 – Interpretação.

1. Para evitar dúvidas, esta Licença Pública não reduz, limita, restringe ou impõe condições sobre qualquer utilização do Material Licenciado que possa ser legalmente feita sem a permissão concedida por esta Licença Pública, e não deve ser interpretada nesse sentido.

2. Na medida do possível, se alguma disposição desta Licença Pública for considerada inexequível, será automaticamente reformada na medida estritamente necessária para que se torne exequível. Se a disposição não puder ser alterada, deverá ser removida desta Licença Pública sem afetar a exequibilidade dos restantes termos e condições.

3. Nenhum termo ou condição desta Licença Pública será renunciado e nenhuma falha no seu cumprimento consentida, salvo se tal for expressamente acordado pelo Licenciante.

4. Nada nesta Licença Pública constitui ou pode ser interpretado como uma limitação de, ou renúncia a, quaisquer privilégios e imunidades aplicáveis ao Licenciante ou a Você, incluindo os resultantes dos processos legais de qualquer jurisdição ou autoridade.